

**Instituto Politécnico de Lisboa**  
**Escola Superior de Comunicação Social**

Mestrado em Jornalismo

Relatório de Estágio

*Infotainment* – Interesse Público Vs. Interesse do Público :  
Estudo de caso das médias e grandes reportagens da SIC

Autora : Sandra Mota

Orientadora: Mestre Daniela Santiago

Lisboa

Novembro de 2013

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica da Mestre Daniela Santiago.

## AGRADECIMENTOS

Um muito muito obrigada

Ao Martim Cabral que me proporcionou a oportunidade deste estágio;

Ao Carlos Andrade, pela infinita paciência para os telefonemas e emails constantes e pela preciosa ajuda e disponibilidade naquela fase mais difícil dos contactos iniciais;

Às minhas meninas da Agenda – Marisa, Isabel, Ana Luísa e Conceição que tão bem me receberam e ensinaram, com um beijinho muito especial à Conceição que tinha sempre as palavras certas na altura certa e mais do que uma professora, foi uma amiga;

Ao meu editor, José Gomes Ferreira, que sempre acreditou em mim desde o primeiro ao último dia, proporcionando-me um sem fim de oportunidades, muito do que aprendi devo-o a ele;

À Inês Cândido, minha guia ao longo de seis meses, foi com ela que aprendi quase tudo, um obrigada gigante pela paciência infinita, pela voz milhentas vezes emprestada e pelas muitas gargalhadas de parvoíce;

Aos colegas estagiários – Diana, Hélder, Iolanda, Manel, Laura, André – companheiros de viagem, de trocas de experiências e de muitos, bons e divertidos almoços;

À Ana de Freitas, que nunca deixou que me faltasse trabalho;

Ao Hélder Santos, que foi o melhor amigo e colega que poderia ter tido, sempre lá para me amparar as quedas e celebrar as vitórias;

À Fernanda de Oliveira Ribeiro, das mais experientes e humildes jornalistas, que me proporcionou um sábado espectacular de trabalho;

A toda a editoria de Economia - Joana Nabais (aquelas boleias até à terrinha souberam pela vida!), Anselmo Crespo, Pedro Miguel Costa, Sónia Batista, Filipa Crespo Ramos, Ricardo Madeira) que sem excepção teve que 'me aturar' de uma forma ou de outra;

A todos os repórteres de imagem e editores de imagem - sem eles nunca haveria reportagens;

À Vanessa, amiga e colega da casa, que foi quem mais acompanhou de perto a excitação e a alegria, as neuras e o cansaço, sei que não foi nada fácil;

À minha mãe, um apoio indispensável, sem ela não teria sido possível;

Aos meus avós, devo-lhes tudo aquilo que tenho e sou hoje;

Ao Alcides Vieira, Maria João Ruela e Pedro Mourinho, que numa agenda preenchidíssima conseguiram arranjar um tempinho para as entrevistas;

À Daniela Santiago, uma orientadora sempre disponível, por todas as dicas, orientações e pela paciência;

Poderia estar aqui *ad eternum* a enumerar, mas como o tempo e espaço são limitados, agradeço a todos aqueles que de alguma forma marcaram o meu percurso e me ajudaram a crescer enquanto profissional e enquanto pessoa, com os muitos conselhos e direções.

Um grande beijinho a cada um  
e saibam que são muitas as saudades que ficam

***Infotainment – Interesse Público Vs. Interesse do Público :***  
**Estudo de caso das médias e grandes reportagens da SIC**

Sandra Mota

**RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** *infotainment*, entretenimento, audiência, interesse público, esfera pública, *prime time*.

Este estudo é resultado de um estágio de seis meses e apresenta-se com o objetivo de compreender até que ponto o conceito de informação-espectáculo está presente nas médias e grandes reportagens do canal televisivo SIC.

Partindo da análise das reportagens emitidas no Jornal da Noite durante os meses de Fevereiro, Março e Abril de 2013 procurou-se avaliar qual dos interesses prevalece na escolha de um tema de reportagem – o interesse público ou o interesse do público.

**ABSTRACT**

**KEYWORDS:** *infotainment*, entertainment, audience, public interest, public sphere, prime time.

This study is the result of a six-month internship and is presented in order to understand to what extent the concept of infotainment is present in medium and large reports in television channel SIC.

Analyzing the reports that were presented in Jornal da Noite during the months of February, March and April 2013 we tried to evaluate which of interests prevails in choosing a theme story - the public interest or the interest of the public.

## Índice

Introdução \_\_\_\_\_ p.8

Capítulo I \_\_\_\_\_ p.10

O Crescimento Global do Infotainment - a Guerra das Audiências e a Informação enquanto Produto Comercial

e

Interesse Público vs. Interesse do Público : linhas paralelas ou caminhos opostos?

1. Esfera Pública e Interesse Público \_\_\_\_\_ p. 11

- 1.1. Infotainment \_\_\_\_\_ p. 15
- 1.2. Prime Time/Horário-Nobre \_\_\_\_\_ p. 19
- 1.3. Importância dos Media – da Televisão \_\_\_\_\_ p.20
- 1.4. Televisão Generalista \_\_\_\_\_ p. 22

Capítulo II \_\_\_\_\_ p. 27

Estudo de Caso

Objecto de Estudo : Médias e Grandes Reportagens SIC emitidas entre Fevereiro e Abril de 2013

Capítulo III \_\_\_\_\_ p.56

Local de Estágio

A SIC e o grupo IMPRESA

Capítulo IV \_\_\_\_\_ p. 62

O Estágio

Dia-a-dia, trabalhos e progressos

Conclusões \_\_\_\_\_ p. 87

Bibliografia \_\_\_\_\_ p. 88



## Introdução

Numa era em que as novas tecnologias prevalecem e em que a luta de audiências domina a esfera televisiva, proponho analisar neste Relatório de Estágio de que forma e até que ponto o conceito “*Infotainment*” está presente nas reportagens emitidas num canal generalista português.

Na base do estudo está o estágio curricular com a duração de seis meses realizado na estação televisiva privada SIC (Sociedade Independente de Comunicação) proporcionado pela parceria entre a entidade de estágio e a Escola Superior de Comunicação Social .

Foi um processo complexo, uma vez que o estágio se estendeu por meio ano, não se cingindo assim às 400 horas impostas pela faculdade. Numa época em que é cada vez mais complicado para um jovem recém formado entrar no mercado de trabalho, quis dar o meu melhor, procurando um lugar na redação e conseguindo destaque através do meu trabalho, o que dificultou em muito esta investigação.

Recorrendo à metodologia da observação participante, à análise de conteúdo e ainda ao método de entrevista pretendo averiguar de que forma se estabelece a proximidade com o telespectador e quais os factores predominantes na escolha das temáticas a abordar nas médias e grandes reportagens. Afinal, qual destes dois interesses prevalece: o Interesse Público ou o Interesse do Público?

A investigação intitula-se “*Infotainment – Interesse Público Vs. Interesse do Público : Estudo de caso das médias e grandes reportagens da SIC*”.

Serão consideradas como objecto de estudo deste projecto as médias e grandes reportagens, ou seja, a partir de 10 minutos de emissão. Diariamente são emitidas peças com 8 minutos, por exemplo, o que já é uma extensão da duração habitual de uma peça, que se situa à volta dos 2 minutos. No entanto, foi tomada a opção de considerar apenas as peças/reportagens com duração superior a 10 minutos. O espaço temporal de análise, isto é, o *corpus* deste trabalho, situa-se num período de três meses, já que requer uma análise cuidada ao número de reportagens emitidas semanalmente, de forma a obter uma amostra representativa da realidade televisiva. Foram analisados os alinhamentos do *Jornal da Noite* entre 1 de Fevereiro e 30 de Abril de 2013.

A ideia surgiu após constatar que nos dias que correm é cada vez mais ténue a fronteira entre informação e entretenimento. Surge assim a chamada “informação-espectáculo”, um fenómeno que tem vindo a crescer cada vez mais com o modelo de

mercado dos *media*, numa “ditadura de audiências”. Isto conduz a uma certa tabloidização da informação televisiva, que se afasta a passos largos do modelo de esfera pública defendido por Habermas.

É então objectivo crucial deste trabalho compreender de que forma esta realidade influencia a reportagem, averiguando qual o critério de noticiabilidade. Na escolha dos temas, o que prevalece? O Interesse Público ou o Interesse do Público? É escolhido um determinado tema e ângulo porque são realmente importantes ou porque vão captar audiência ?

Na busca incessante de receitas a qualidade não ficará, de certa forma, esquecida? Qual a função do Jornalismo? Fornecer ao público aquilo que ele quer ou aquilo que realmente precisa? Idealmente, estes dois interesses encontrar-se-iam interligados, mas na realidade nem sempre é assim. Na esmagadora maioria das vezes, separa-os.

Tal como se pode ler na Carta de Princípios do Jornalismo na Era da Internet, fruto de uma investigação do ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa), o 5º Princípio define que:

“O Jornalismo deve tornar interessante o que é relevante e procurar no que é interessante ou mobiliza a atenção dos cidadãos o que é importante e significativo.

Os jornalistas devem questionar-se em permanência sobre qual a informação mais relevante para os cidadãos e, simultaneamente, qual a forma mais apelativa de a apresentar. Combinar interesse público e interesse dos públicos permanece como um dos grandes desafios enfrentados pelas redacções. (...)”

Estará este princípio a ser respeitado? É o que me proponho a descobrir nesta investigação.

## Capítulo I

O Crescimento Global do Infotainment - a Guerra das Audiências e a  
Informação enquanto Produto Comercial

e

Interesse Público vs. Interesse do Público : linhas paralelas ou caminhos  
opostos?

## 1. Esfera Pública e Interesse Público

Não podemos de forma alguma dar início ao estudo sem a introdução de alguns conceitos fulcrais.

De acordo com a legislação em vigor <sup>1</sup> o “interesse público” é o interesse colectivo, é o interesse geral de uma determinada comunidade, é o bem-comum. A noção de interesse público traduz uma exigência – a exigência de satisfação das necessidades colectivas. Esta noção é de conteúdo variável. Não é possível definir o interesse público de uma forma rígida e inflexível, uma vez que não é de fácil definição. É um conceito que é mais procurado do que conhecido... Da mesma forma que o conceito de Interesse Público nunca se encontra estabelecido de forma imutável, este molda-se consoante as circunstâncias e as necessidades da sociedade que mudam de forma contínua. Já o conceito definido por Habermas considera que: “A esfera pública é um espaço de debate público onde se podem discutir questões de interesse geral e uma área na qual se podem formar opiniões.” (GIDDENS, 2007: 466)

De acordo com Dahlgren, são dois conceitos que se encontram intimamente ligados:

“In ideal terms, Habermas conceptualizes the public sphere as that realm of social life where the exchange of information and views on questions of common concern can take place so that public opinion can be formed.(...) the mass media have become the chief institutions of the public sphere.” (DAHLGREN, 1995: 7-8)

Este espaço e as condições para a comunicação que proporciona são absolutamente essenciais para a democracia e para o desenvolvimento de um público activo. O público só se forma num contexto interaccional da esfera pública, onde existe a troca activa de pontos de vista e informação entre os cidadãos. É também ele o responsável pela existência de uma oferta diversificada e que cubra todos os interesses:

“Many theorists suggest that diversity best flourishes in a free market place of ideas: if people can freely enter this market place to exchange information and opinions, then we may expect cultural variety and diversity to happen.” (BRANTS et al, 1998: 39)

Com a expansão da indústria dos *media* o interesse público terá ficado um pouco posto de parte, ainda assim, a televisão desempenha um papel bastante relevante, considerando a sua abrangência: “Television is crucial to its pursuit, because the medium is used so extensively by almost every member of society.” (BRANTS et al, 1998: 56)

---

<sup>1</sup> V. **Princípio da Prossecução do Interesse Público** - art. 266º/1 Constituição da República Portuguesa e o art. 5º Código do Procedimento Administrativo

Da mesma forma que existem dois tipos de interesses, o “público” e o “do público”, existem também dois tipos de informação correspondentes: A “informação-produto”, que se identifica com o interesse do público e satisfaz necessidades comerciais, e a “informação-serviço”, que se identifica com o interesse público, preocupando-se com as expectativas conscientes destes e se abstrai da oferta da concorrência.

Na obra *The Business of Media – Corporate Media and the Public Interest* (2005), David Croteau e William Hoynes mostram-se preocupados com a tensão existente entre a procura insaciável de lucros e a necessidade da sociedade democrática em ter um sistema mediático que sirva o interesse público. Estes autores fazem a distinção entre dois modelos de *media* : o de “Mercado/Negócio” e o de “Esfera Pública”.

No “Modelo de Esfera Pública”, Croteau escreve:

“From this perspective, the media are defined as central elements of a healthy public sphere – the “space” within which ideas, opinions, and views freely circulate. Here, rather than profits, it is the more elusive “public interest” that serves as the yardstick against which media changes are measured.” (CROTEAU, 2005: 14)

Entende que o “Modelo de Mercado”, mais preocupado com lucros do que com a qualidade informativa, tem uma visão completamente diferente do “Modelo de Esfera Pública”. Os entusiastas do “Modelo de Mercado”, invertem a questão e definem que o interesse público é aquele que se baseia naquilo em que o público está interessado. Nesta perspectiva, os média mais populares (aqueles com mais altas audiências), servem o interesse público. A questão é que assim estamos a pôr de parte a significância cultural dos média.

Em 1982, Mark Fowler, Presidente da Federal Communications Comissions (FCC) afirmou que a televisão não é mais do que “a toaster with pictures” (v. THUSSU, 2007: 22) , querendo com isto dizer que é um produto vendável tal como outro qualquer.

Em resposta aos que defendem que a informação é um produto como qualquer outro os autores discutem que esta tem um carácter educativo e o poder de contribuir para uma sociedade melhor:

“(…) media cannot be considered as merely a product to be used by consumers. Instead, as the public sphere model suggests, media are resources for citizens with important informational, educational, and integrative functions (...) In contemporary society, the mass media are central to processes of deliberation, education, and social integration (...) Media do more than simply

inform citizens; they are also, in varying ways, informal educators. Media, often in entertainment formats, can provide us with a window onto our history, the experiences of others, and the views of people with whom we may never come into contact.” ( CROTEAU,2005:26-28)

Da mesma forma que constata o progressivo desaparecimento da linha entre jornalismo e comércio há outros dois termos adjacentes que se (con)fundem: consumidor e cidadão. Contudo, é importante esclarecer que não se trata de sinónimos. Os consumidores vão ao encontro dos seus objectivos pessoais ao comprar diferentes produtos ou serviços. Nem todos os consumidores são iguais porque o seu poder de compra difere. Já os cidadãos, são parte integrante de uma comunidade e participam na tomada de decisões que orienta a vida pública. Independentemente do seu poder de compra, todos são iguais.

É possível estabelecer uma relação evidente entre a definição de consumidor e o “Modelo de Mercado”, bem como entre o conceito de cidadão e o “Modelo de Esfera Pública”. O quadro 1.2 da sua obra sumariza as diferenças entre os dois modelos, mostrando que o “Modelo de Mercado” e o “Modelo de Esfera Pública” oferecem diferentes perspectivas em questões fundamentais sobre os média.

	<b>Modelo de Mercado</b>	<b>Modelo de Esfera Pública</b>
<i>Como são conceptualizados os média?</i>	Empresas privadas vendedoras de produtos	Recursos públicos ao serviço do público
<i>Qual é o seu principal propósito?</i>	Gerar lucros para os proprietários e accionistas	Promover um sentido de cidadania activo, através da informação, educação e integração social
<i>Como são vistas as audiências?</i>	Como consumidores	Como cidadãos
<i>O que é que os média encorajam as pessoas a fazer?</i>	Divertirem-se, ver anúncios, comprar produtos	Aprender acerca do mundo e serem cidadãos activos e participantes
<i>O que está contido no interesse público?</i>	Tudo o que seja popular	Conteúdo diverso, substantivo e inovador, ainda que nem sempre seja popular
<i>Qual é o papel da diversidade e inovação?</i>	Inovação pode ser uma ameaça aos formatos estandardizados lucrativos. Diversidade pode ser uma estratégia para alcançar novos nichos de mercado.	Inovação é essencial para cativar os cidadãos. Diversidade é essencial na missão dos média de representar toda a variedade de pontos de vista e gostos do público.
<i>Como é entendida a</i>	Maioritariamente como uma	Ferramenta útil na protecção

<i>regulação?</i>	interferência nos processos de mercado	do interesse público
<i>A quem prestam contas?</i>	Proprietários e accionistas	Ao público e representantes do Governo
<i>Como é medido o sucesso?</i>	Lucros	Servindo o interesse público

O desenvolvimento dos meios de comunicação social de massas está a conduzir cada vez mais ao fracasso do Modelo de Esfera Pública e à mudança daquilo que se pressupõe como Interesse Público: “Citizens are not the target group any more, only as consumers; public service is more than anything else to give the public what it wants. (Syvertsen, 1992) citado por BRANTS et all, 1998: 23)

Em síntese, podemos então concluir que “Interesse Público” é aquele que é comum a toda a sociedade, retrata algo que possa alterar a política ou a cultura de um país ou região – ou até do mundo, enquanto o “Interesse do Público” é algo privado, não afeta a vida política, social ou cultural de uma sociedade, tratando-se apenas de gostos e atrações pessoais.

Em causa fica o conflito latente entre estes dois interesses, uma vez que aquilo que o público quer, nem sempre é aquilo que precisa: “Quanto ao interesse de um determinado acontecimento, a situação ideal para os media é poder conciliar o “interesse público” e o “interesse do público”, mas isso nem sempre acontece (...)” (BRANDÃO, 2002:76)

Também no estudo que fez nas redações dos três canais generalistas portugueses Adelino Gomes (2012: 139) viu-se confrontado com este mesmo conflito, neste caso na redação da estação pública:

“A dificuldade reside na definição do que seja, no quotidiano exercício concreto de seleccionar e alinhar notícias, o interesse público e o interesse do público. ‘Pode haver uma tendência mais forte para seguir o imperativo da audiência. Mas há uma linha editorial que deve ser seguida’, diz o citado jornalista, confessando que tal ocorre ‘num equilíbrio nem sempre fácil’.”

Já Pedro Mourinho(v. Entrevista em anexo: 262-266) , jornalista da estação privada SIC considera os interesses inseparáveis:

“Na televisão não consegues dissociar o interesse público do interesse do público. Há por vezes coisas que têm um interesse público muito grande e não têm interesse do público e portanto tu à partida não as enjeitas. Ou então quando não têm o interesse do público procuras fazer com que tenham interesse do público, sem obviamente desvirtuar o que são os factos da realidade e tendo

em conta sempre o rigor com que tu deves fazer o trabalho jornalístico (...) consegues fazer interesse público e interesse do público ao mesmo tempo”.

### ***1.1. Infotainment***

Na busca incessante para satisfazer o público, surge outro dos conceitos base deste estudo – o *infotainment* – um género híbrido que nasce da mistura entre informação e entretenimento, uma espécie de informação-espectáculo. Trata-se de um neologismo que surgiu no final dos anos 80 e visa o crescimento da importância do sensacionalismo e das notícias de interesse humano, à semelhança da imprensa tablóide que se encontra em vários países europeus.

Este fenómeno crescente é particularmente perceptível na televisão, ainda que também o possamos encontrar na imprensa (sob o nome de tabloidização). Começou a ser mais notório com o surgimento da televisão comercial, um modelo adoptado do sistema norte-americano, e é resultado de um ambiente no qual a informação televisiva é encarada mais como uma mercadoria para atrair e proporcionar audiências aos anunciantes do que para informar os telespectadores. A televisão comercial não se preocupa tanto em dar informação ao cidadão para o seu conhecimento mas tenta sobretudo atraí-lo com a intenção de aumentar os níveis de publicidade. Isto resulta na selecção de notícias e imagens de forte impacto, de sensacionalismo, privilegiando aspectos acessórios e descurando o que é realmente relevante, conduzindo cada vez mais àquilo a que Mario Vargas Llosa (2012: 150) chama de “civilização do espetáculo”:

“Não se trata, pois, de combater uma ‘mentira’, mas sim, efetivamente, de satisfazer essa curiosidade mórbida e doentia da civilização do espetáculo, que é a do nosso tempo, onde o jornalismo (como a cultura em geral) parece desenvolver-se guiado pelo único desígnio de entreter. O Sr. Julian Assange<sup>2</sup>, mais do que um grande lutador libertário, é um bem sucedido entertainer ou animador, a Oprah Winfrey da informação.”

De acordo com estas palavras parece que cada vez o entretenimento e a informação se confundem e tendem a tornar-se um só.

---

<sup>2</sup> Menção ao conhecido caso WikiLeaks do qual Julian Assange é fundador e porta-voz. Wikileaks é um site que se tornou mundialmente conhecido aquando da publicação de documentos confidenciais do governo dos Estados Unidos.

Na obra *The Media in Question – Popular Cultures and Public Interests* os autores, logo na introdução, confirmam o esbatimento da linha que separa as categorias televisivas:

“We will suggest that nowadays the distinction between public and popular, between information and entertainment, between citizens and consumers is impossible to maintain (...) Commercial broadcasting and the attractions of popular television culture for audiences have produced new journalistic genres, such as *infotainment*, reality television and the talk show in which traditional distinctions between information and entertainment have collapsed. Journalism in its broadcast but also in its print form has become market driven and guided by – as it is sometimes called – what is interesting rather than what is important, by an audience orientation rather than an institutional logic.” (BRANTS et al, 1998: 1-4)

Esta é uma separação que a grande maioria dos autores faz, no entanto ainda existem investigadores que têm algumas dúvidas quanto à definição de categorias. Estão cada vez mais a ser criados géneros “híbridos” de informação que dificilmente encaixam numa só categoria. Nuno Goulart Brandão, um dos autores que mais se tem debruçado sobre o estudo deste fenómeno no panorama português, ressalva a importância da televisão para a formação cívica bem como o perigo do caminho que está a ser seguido por este meio de comunicação:

“Não nos podemos esquecer que os meios de comunicação social, e principalmente a televisão, são os principais meios para reforçar o vínculo actual entre os indivíduos e a sociedade. Mas também é verdade que possuem um crescendo de responsabilidade social que decorre da sua própria visibilidade. A televisão permite (e mascara-se de) uma certa simplificação da realidade, arrastando-se muitas vezes para a diversão, emotividade e dramatização dos assuntos que retrata.” (BRANDÃO, 2006: 16)

O autor diz-nos que a televisão passou por uma transformação de social para comercial, com a predominância de registos de emoção, de espectacularidade e de dramatização. O valor informação da notícia cede lugar ao valor entretenimento, numa “tirania do audímetro”. À medida que o lado de serviço público do jornalismo vem sendo diminuído, o seu lado comercial cresce exponencialmente: “Assiste-se a um crescendo de entretenimento informativo, no qual se vulgariza e secundariza a informação pertinente, ou seja, aquela que não é geradora de emoções.” (BRANDÃO, 2006: 22)

Este facto conduz cada vez mais, a uma informação produzida num registo dramático, numa constante procura do sensacional e do espectacular, fazendo recorrentemente apelo à dramatização. O que está a acontecer é a tomada do sensacionalismo, onde se olha mais à forma do que ao conteúdo: “If it bleeds, it leads.” (CROTEAU, 2005: 161)

A notícia é tanto mais importante quanto mais espectaculares forem as imagens que a emolduram. Encontramo-nos numa era em que dominam a “cultura do instante” e a “tirania do audímetro” e em que cada vez mais a nossa experiência da realidade se baseia não na realidade que experienciamos mas nas representações dessa mesma realidade.

O público tem necessidade de sentir e nada melhor do que a imagem televisiva para despertar a emoção: “A televisão apela à dramatização, no duplo sentido da palavra: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera a sua importância, a sua gravidade e o seu carácter dramático, trágico.” (BORDIEU, 1997: 12)

O público precisa de se identificar com aquilo que vê, para se sentir interessado. Se não se identificar com o que surge no ecrã, será muito mais difícil captar a sua atenção. Há que estabelecer ligações entre as experiências que os cidadãos têm no dia-a-dia e aquilo que surge representado nos noticiários televisivos. A televisão tem que ser capaz de cativar as mais diversas culturas e despertar diferentes leituras, conduzindo assim à interacção social.

Alcides Vieira(v. Entrevista em anexo: 250-251) descarta a possibilidade de um aumento de sensacionalismo, assegura que a informação tem que ser o mais apelativa possível, sem nunca deixar de ser informação:

“Para além da informação ser útil, tem que estar próxima, tem que ser decodificada, as pessoas têm que a compreender e tem que ser apelativa, que é diferente (...) a informação só será boa quando o conteúdo for de interesse público e a forma for apelativa, porque a forma também é conteúdo em televisão (...)

O diretor de informação da SIC continua acrescentando que a barreira entre géneros não está mais ténue, está sim diferente e que a haver uma ‘invasão’ será por parte do entretenimento na área da informação e não o oposto:

“Acho é que a informação com a internet e com estes novos formatos de informação, jornais mais extensos que sejam complementos àquilo que nós oferecemos no *online* e no cabo, são jornais mais extensos, são grandes programas de informação, tocam assuntos que não estão na actualidade digamos assim, portanto isso aí... as pessoas que estavam habituadas a ver um jornal clássico de 25 minutos só com as notícias do dia, agora passam ter 1h e têm outras notícias, outros temas abordados de outra forma... pode haver essa confusão. Mas os princípios jornalísticos, a ética jornalística, tanto a forma como transmitimos os conteúdos como a forma como os fazemos, mantém-se (...) Não foi a informação que foi para a área de entretenimento. O entretenimento é que se alargou para a área da informação (...)o entretenimento entrou muito na área da informação, vive dos factos que a informação também trata. Trata-os de uma forma diferente.”

Contudo, não se pense que este é um fenómeno recente. Ainda que hoje em dia esteja mais evidenciado, a verdade é que desde muito cedo houve dificuldade em distinguir o que é “importante” do que é “interessante” e já em 1947 a Comissão de Hutchins se via a braços com essa confusão:

“The American Commission on Freedom of the Press, called the Hutchins Commission, after its chairman Robert M. Hutchins, reproached the press in 1947 for emphasizing the exceptional rather than the significant, in order to attract as big an audience as possible (Hutchins, 1947:55). Bordieu in 1996 does the same and complains that television’s only principle of selection is ‘la recherché du sensationnel, du spectaculaire’ (1996:18)” (BRANTS et al, 1998: 105)

Ainda assim, nem todos vêem apenas pontos negativos na tomada do entretenimento e David Croteau e William Hoynes (2005) na sua obra criticam o modelo comercial dos *media* mas admitem que o entretenimento possa assumir um papel relevante, caso deste seja feito bom uso.

*Media* que consigam ser informativos e entreter ao mesmo tempo, podem desempenhar um papel importante na vida pública através das histórias que fazem circular. Se conseguirem conquistar a atenção do público e em simultâneo fornecer-lhe informação importante, então a forma como o fazem acaba por se tornar positiva. Também os autores de *The media in question: popular cultures and public interests* (1998) apontam algumas vantagens, uma vez que alguns formatos podem fazer com que novas audiências tomem contacto com realidades que desconheciam e com informação relevante.

Alcides Vieira (v. Entrevista em anexo: 255) justifica a existência de notícias mais ‘leves’ com a extensão dos noticiários e com o facto de a informação agora estar em constante atualização *online* e nos canais por cabo:

“Um jornal de uma hora e meia é como eu costumo dizer – um cozido à portuguesa.

Um cozido à portuguesa bem confeccionado, em que tem tudo... porque só as notícias do dia... as notícias do dia, às oito da noite, no telejornal da generalista, é material requeitado... porque já bateu, como nós costumamos dizer, de hora a hora ao longo do dia. A informação *online* deixa muito pouco material de notícia nova para as oito da noite.”

Não é o formato de entretenimento que está a ser criticado, mas sim o facto de a forma se sobrepor ao conteúdo. Entende que caso o conteúdo se mantenha relevante, então o *infotainment* não é prejudicial para o público.

A jornalista Maria João Ruela (v. Entrevista em anexo: 257) salienta que o conteúdo nunca é descurado e que os padrões jornalísticos são os mesmos quando se trata de temas ligados ao entretenimento:

“Eu acho que o público tem muito interesse em saber, em conhecer as histórias da vida pessoal das vedetas e eu nunca vi muito isso transposto para médias e grandes reportagens. Secalhar noutro contexto, mas não o da informação (...) nós não deixamos de continuar a fazer informação mesmo que seja sobre temas de entretenimento. Secalhar temos um olhar diferente sobre essas temáticas.”

Também o jornalista Pedro Mourinho (v. Entrevista em anexo: 264) partilha da mesma opinião – “Tudo depende da forma como o fazes.”

## **1.2.Prime Time – Horário Nobre**

Outro dos conceitos relevantes nesta investigação, já que o objecto de estudo serão as reportagens emitidas após as 20h, é o conceito de *prime time*/horário-nobre. É neste horário que podemos assistir de forma ainda mais acentuada à luta de audiências e por conseguinte, a uma padronização e homogeneidade da oferta televisiva nesse horário, tal como diz Nuno Goulart Brandão:

“A grelha de programas, sobretudo com a entrada dos operadores privados de televisão, tornou-se num instrumento de fidelização do público, oferecendo, para maximizar a sua audiência, praticamente o mesmo tipo de programas, o que faz com que a grelha de programas seja hoje feita apenas em função de resposta à concorrência do que de uma estratégia individual de cada estação. O resultado é os diferentes canais oferecerem produtos semelhantes em horários idênticos, visto que visam os mesmos públicos, os mesmos níveis de audiência, o que resulta numa crescente uniformização do panorama audiovisual generalista, com os mesmos géneros às mesmas horas, o que leva a uma estandardização da oferta, sobretudo ao nível do *prime time*.” (BRANDÃO, 2002: 32)

Nilza Mouzinho de Sena salienta a importância desta faixa horária, por ser aquela que concentra o maior número de telespectadores que no final do dia se encontram mais disponíveis para dispensar atenção à televisão e como tal, atrai também o maior número de publicitários: “O horário-nobre apresenta-se assim como o horário privilegiado quer em termos de selecção de programas, quer ao nível de volume publicitário.” (MOUZINHO DE SENA, 2002:50)

O diretor de informação da SIC (v. Entrevista em anexo: 249) também não nega que as audiências tenham peso, mas descarta a possibilidade de serem o fator mais importante:

“Todas as televisões têm a preocupação das audiências, é evidente, não estão a falar para o vazio. A comunicação é uma relação entre o emissor e o receptor (...). Nós sabemos que há determinado tipo de conteúdos que disparam as audiências. Sexo dispara as audiências... Criminalidade, violência... há uma série de conteúdos que à partida, o *voyeurismo* digamos assim, dispara as audiências (...) O problema é saber quanto tempo é que essa audiência dura no canal, por um

lado, e por outro lado até que ponto é que o canal quer seguir essa via. Não é? Na informação não a deve seguir.

A informação tem que ter uma regra, que é aquilo que nós aqui tentamos, que é uma oferta diversificada, com bom gosto e bom senso.”

Por tudo isto, é evidente que a organização da grelha neste horário seja ainda mais importante do que em qualquer outra circunstância.

### **1.3. Importância dos media – da Televisão**

É de salientar ainda neste contexto, a importância social dos *media*, em particular da televisão. Alcides Vieira(v. Entrevista em anexo: 255) resume de uma forma bastante simples a importância da televisão – “O facto por si não é notícia. Só é notícia quando é divulgada.”. Em pouco tempo, a televisão conquistou o público e tornou-se na maior fonte de informação, como escreve Eduardo Cintra Torres na obra *A Televisão e o Serviço Público* :“A televisão cresceu rapidamente até se tornar o mais importante meio de comunicação em audiências e influência política, social e cultural” (TORRES, 2011:14)

A “caixa mágica” tornou-se num dos principais construtores da realidade social (v. TUCHMAN:1978) <sup>3</sup> devido à sua exposição na sociedade (ver também BRANDÃO, 2006: 220), transformando-se, como defende Francisco Pastoriza , em mais do que uma forma de comunicação:

“En la actualidad, y más aún en el futuro, lo audiovisual no es una forma de comunicación más; es el espacio central y hegemónico de la cultura, que se manifiesta en la vertiginosa pantallización de la sociedad postindustrial. La información audiovisual seguirá siendo durante mucho tiempo la de mayor impacto en la sociedad, tanto por su alcance como por las características de presentar la realidad en toda su riqueza visual y auditiva.” (PASTORIZA, 2003: 19)

De acordo com Nilza Mouzinho de Sena, a televisão não é apenas um mecanismo electrónico “mas antes uma instituição sociopolítica, que é «a maior fonte de informação sobre o mundo para milhões de pessoas» (Elridge, 1994:3 citado por MOUZINHO DE SENA, 2002: 51). Esta afirmação ganha especial relevo num país como Portugal, onde as vendas de jornais são extremamente baixas e uma grande parte da população é iletrada. 10,6% da população portuguesa não tem qualquer nível de escolaridade, o que significa que quase um milhão de portugueses é analfabeto.

---

<sup>3</sup> Também esta autora afirma na página 193 da sua obra que os meios de comunicação social assumem um papel de construtores da realidade, influenciando-a: “The news frame organizes everyday reality and the news frame is part and parcel of everyday reality ...(it) is an essential feature of news.”

É clara a responsabilidade dos média para com a sociedade bem como a importância para o seu bem-estar. Na sociedade moderna, o jornalismo e a vida pública caminham de mãos dadas e são interdependentes, o que leva a que o declínio de um conduza ao declínio do outro.

Alcides Vieira (v. Entrevista em anexo: 248) salienta a importância que a televisão adquire na tomada de decisões: “(...) as pessoas têm que estar bem informadas para orientarem a sua vida (...) não é a televisão que as orienta mas quanto melhor informadas estiverem, melhores decisões tomarão.”

Desde sempre a televisão tem estado sob a alçada de um controlo apertado, justificável pela sua significância e reflectindo as altas expectativas em relação a esta. A televisão e a rádio foram desde logo e em todo o lado encaradas como desempenhando um papel significativo nos sistemas políticos democráticos. Esta realidade tem várias implicações. Uma delas está relacionada com a questão da ética. Precisamente por ser dotada de um grau de responsabilidade tão elevado, exige dos seus profissionais um grande cuidado e zelo para providenciar aos telespectadores apenas “o melhor”. Alfredo Vizeu chama a atenção para esse ponto:

“A notícia é um “produto” à venda, mas não um produto como outro qualquer. É através do que está sendo noticiado que as pessoas tomam contacto com o mundo que as cerca. A informação ganha uma dimensão central na vida contemporânea. É um bem público. Ciente disso, o jornalista deve tomar todo o cuidado – e essa não é uma tarefa fácil – em não transformar a notícia num espetáculo.” (VIZEU, 2002: 1)

Parte-se do princípio que a função do jornalismo seja informar, educar e entreter, por esta ordem. Sendo necessário respeitá-la e não invertê-la. Ainda que seja no seu carácter básico uma fonte de entretenimento, a televisão não pode ser apenas isso pois é através dela que os cidadãos constroem a visão da realidade.

Contudo, nem sempre esse cuidado prevalece e na busca incessante de lucro o rigor e a qualidade perdem espaço para o sensacionalismo, a emoção e o “emocionante”. Há que ter também em conta que o tempo é algo limitado e há escolhas que têm de ser feitas. O problema reside no facto de nem sempre essas escolhas serem as mais indicadas, o que vai acabar por transformar o espaço mediático televisivo mais em diversão do que informação, afectando assim a noção de realidade que chega até ao telespectador.

Segundo Nuno Goulart Brandão:

“A televisão estereotipa a visão da realidade, pois, ao não dispor de demasiado espaço para todas as informações, determina a opção por acontecimentos que, por sua vez, são transformados em notícias, em função da sua capacidade de chamar a atenção do público e acompanhados com

imagens que suscitam a emoção e dramatizam os conflitos. Esta tendência actual da informação jornalística, e sobretudo da informação televisiva, alastra-se a todos os operadores de televisão, incluindo os públicos, transformando a informação televisiva numa informação-espectáculo.” ( BRANDÃO, 2006:113)

O que tem que existir é um equilíbrio entre o que o público quer e o que o público precisa, o que não é assim tão linear. A função do jornalista é informar, se a sua informação for desinteressante perde leitores e telespectadores, mas se ceder aos gostos destes, pode ter uma audiência, mas nada que valha a pena comunicar. O grande desafio é o de tornar interessante aquilo que é importante.

#### **1.4. Televisão Generalista**

Por último, parece-me ainda importante fazer referência ao conceito de “Televisão Generalista”, já que é maioritariamente nessa categoria que irei estagiar. Este tipo de televisão foi o primeiro a surgir, inicialmente sob a forma de estações públicas e, mais tarde, também privadas. Constituía a forma mais simples de chegar a todo o público, já que possuía uma oferta bastante diversificada e ainda nos dias que correm, com toda a concorrência dos canais temáticos por cabo é um formato que continua a dominar em termos de audiências.

Alcides Vieira (v. Entrevista em anexo: 247-248), diretor de informação do canal generalista SIC confirma que existe a preocupação de manter um máximo de homogeneidade: “Tem que haver aqui um máximo de denominador comum de interesse público daquilo que andamos a fazer para chegar a todos os *targets* (...) essa é a primeira regra para o critério editorial.” Nilza Mouzinho de Sena faz uma pequena introdução ao conceito:

“A filosofia da criação do meio televisivo, particularmente na Europa, partia da premissa de que a televisão era um serviço público que tinha os objectivos funcionais de informar, educar e entreter (...) Nesse contexto nasceu o conceito de televisão generalista, ou seja, uma estação que consagrava todos os géneros e que se dirigia a todos os públicos potenciais, devido à variedade de programas existentes na grelha. (...) A televisão generalista foi e continua a ser um meio que promove a coesão social e cultural.” (MOUZINHO DE SENA, 2002: 33)

Na obra *A Televisão por Dentro e Por Fora* (2002), a mesma autora constrói um quadro (entre as páginas 35 e 37) no qual podemos observar de forma sumária as características da televisão generalista:

Grau elevado de competição	As estações generalistas tendem a empreender estratégias para alcançar e manter o índice de audiências. Esse objectivo tem levado ao desvanecimento das fronteiras entre estações públicas e privadas, uma vez que desenvolvem estratégias semelhantes ante o mesmo objectivo. Essas estratégias levam à redução de custos, ao empobrecimento da originalidade e à padronização da oferta.
Superação da audiência diária	Por serem canais de massas, as estações generalistas procuram não só conquistar, mas também manter e, se possível, superar a audiência acumulada diariamente.
Enfoque comercial e desvio informativo	A partir da rendibilidade comercial (necessariamente publicitária) e com o intuito de obter benefícios, as estações generalistas tendem a transmitir uma imagem favorável dos respectivos governos e uma imagem negativa da oposição.
Reforço da 'marca'	Cada estação generalista procura reforçar diariamente a sua 'marca', tentando distinguir-se das demais, disfarçar a padronização e implantar-se fortemente no mercado.
Atracção de anunciantes	Baseando claramente a sua economia no volume publicitário, as estações generalistas atraem para si os anunciantes de produtos de consumo maioritário.

Sequencialidade	As televisões generalistas apostam numa linguagem de sequencialidade ou continuidade ao nível de planos, cenas, seqüências, programas, interligação de programas, <i>timing</i> dos intervalos, interrupções para dar notícias de última hora e sequencialidade global da emissão.
Linguagem audiovisual acelerada	A linguagem audiovisual é francamente acelerada quer pela cadência dos planos (que apenas duram alguns segundos no <i>ecrã</i> ), quer pelo tempo escasso de leitura completa e análise dos conteúdos. Desse modo, a comunicação audiovisual opera-se a partir de impactos sensoriais sem tempo de reflexão crítica e analítica.
Narrativa clónica	Copiam-se estruturas, formas de apresentar os factos, ideias que tenham alcançado sucesso noutros países, alguns guiões de programas. A televisão generalista consome muita produção e de forma exageradamente rápida. Não há tempo para a criatividade, há pouca qualidade e geram-se produtos de consumo fácil.
Aposta em ícones populares	Valorizam-se as mudanças rápidas de situações, cenas, personagens, enquanto se aposta em programas, sobretudo de ficção, a pensar especialmente em actores de índole popular e de acordo com as suas características. Aproveita-se a popularidade dessas figuras, para mantê-las o máximo tempo em antena, fazendo perdurar esses programas em função da sua presença.
<i>Timing</i> publicitário	A publicidade tem uma ampla repercussão na narrativa televisiva. Condiciona as estruturas para que se possam efectuar cortes em tempos pré-determinados, entre um corte publicitário e outro tem que haver atracção e manutenção de audiências e procura-se que, apesar do possível <i>zapping</i> , os públicos regressem ao programa imediatamente após o intervalo (não seguindo um objectivo comercial, mas garantindo o investimento).
Rendibilidade económica	Todos os canais procuram o êxito económico. As estações públicas procuram reduzir o défice, apostando em novas formas de publicidade em televisão que realmente cheguem ao público, aparecendo camuflada com os produtos informativos ou de entretenimento. As estações privadas procuram manter, se possível, níveis superavitários.

Realidade espectáculo	Os canais generalistas professam uma orientação informativa, exibindo imagens espectaculares e temas populares, em que não interessa aprofundar a realidade tratada, mas insistir na aparência dos conflitos, no que é mais chamativo, chocante até, atraindo os públicos com uma estratégia sedutora.
Interesses económicos e políticos	As televisões generalistas deixam-se invadir pelos interesses económicos e políticos. A ideia de que as estações públicas estão vinculadas ao poder político e que as estações privadas estão vinculadas ao poder económico já não é tão linear. Hoje, os papéis alteram-se e os dois poderes estão presentes quer nas estações públicas como nas estações privadas, desde que o modelo seja generalista. Não raramente, assiste-se às tentativas prementes das televisões públicas para manterem os seus níveis de audiência e atracção publicitária e, simultaneamente, os canais privados reforçam a visão do governo ou do partido da oposição em função da vinculação histórica ou dos interesses vigentes.
Perspectiva unidireccional	O modelo comunicativo da televisão generalista desenvolve-se de forma unidireccional em que o telespectador é encarado como objecto quantitativo de publicidade. A investigação de audiências orienta-se para a detecção de gostos, a satisfação dos mesmos e a limitação de alternativas.
Ditadura das audiências	Os gostos dos telespectadores são criados a partir da própria oferta de televisão. Desse modo, a televisão emite o que a audiência maioritária mais aprecia e, ao mesmo tempo, padroniza os gostos desses destinatários.
Clonagem de programas	A heterogeneidade de conteúdos é escassa, pelo que todos os canais generalistas procuram competir com conteúdos similares, às mesmas horas, clonando a organização da grelha. Ainda assim, procuram satisfazer todo o tipo de públicos, especialmente tentando congregiar as famílias ou agrupar os públicos de maior interesse em cada horário.
Grande aposta informativa	Admite-se a importância crescente de conteúdos vinculados à actualidade, como noticiários, mas também o maior volume de comentários, transmissões em directo de grandes acontecimentos, reportagens e debates, entre outros.
Aposta em programas de sucesso potencial	As televisões generalistas apostam, cada vez mais, em programas de intensa espectacularidade ou atracção, sobretudo se conseguem rentabilizar sinergias com outros meios de comunicação e explorações comerciais, como sucede com os <i>reality shows</i> (como exemplo o <i>Big Brother</i> ou <i>Operação Triunfo</i> que alcançaram um êxito considerável em vários países europeus e americanos).

De acordo com a investigadora do ISCSP, podemos então concluir que o panorama actual televisivo se encontra em constante mudança, cada vez mais guiado pelo “Modelo de Mercado” e afastando-se do “Modelo de Serviço Público” inicial, ao providenciar cada vez mais ao público *soft news* (curiosidades, notícias de interesse humano, de certo modo sensacionalistas e regra geral com pouco conteúdo).

Iremos então estudar nesta investigação de que forma essa mudança está, ou não, a afectar as reportagens de média e longa duração da estação televisiva SIC.

## Capítulo II

### Estudo de Caso

Objecto de Estudo : Médias e Grandes Reportagens SIC emitidas entre  
Fevereiro e Abril de 2013

Como foi referido anteriormente , o objecto deste estudo são as médias e grandes reportagens emitidas pela SIC no *Jornal da Noite*, sendo a amostra referente a um período de três meses (Fevereiro, Março e Abril de 2013). Foram organizadas em forma de tabela para agrupar todos os dados relevantes.

Como metodologia foi adoptada a observação participante (um método de pesquisa que supõe a presença prolongada do jornalista-investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e situações. V. AMARO (s.d)); através da minha experiência durante o estágio; a análise de conteúdo(Segundo Ferreira (2003) : “A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. Aplica-se a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos, como também a imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e toda comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais.”), ao analisar as reportagens emitidas e ainda entrevistas semi-abertas através de um guião comum a todas elas. A entrevista é um método de investigação qualitativo amplamente usado no campo das ciências sociais. Ajuda o investigador a descobrir parâmetros a ter em conta e poderá também contribuir para o alargamento do campo de investigação. Na pesquisa qualitativa a questão da representatividade não se coloca e como tal, interroga-se um número limitado de pessoas: “ A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.” (BAUER, 2000:68)

Através da combinação das três técnicas de investigação é então feita uma análise quantitativa e qualitativa das reportagens com mais de dez minutos de duração. Volto a frisar que foram contabilizadas reportagens que não atingem os 10 minutos de extensão, quando pertencentes a uma rubrica regular.

### **Mês de Fevereiro 2013**

<b>Data</b>	<b>Emitido em</b>	<b>Nome Reportagem</b>	<b>Jornalista</b>	<b>Duração</b>	<b>Rubrica ou não</b>
01/02	Jornal da Noite	Mãe 7 filhos	Pedro Freitas	09:42	Reportagem Especial

02/02	Jornal de Sábado	Opel	Fernanda Oliveira Ribeiro	11:46	Perdidos e Achados
03/02	Jornal de Domingo	Bancos e Empresas	Pedro Mourinho	12:02	Peça
		Acidente Sertã 1 semana		10:24	Peça
		João Ricardo		10:48	Quando eu for grande
05/02	Jornal da Noite	BPN – A Fraude I	Pedro Coelho	21:13	Grande Reportagem
06/02	Jornal da Noite	BPN – A Fraude II	Pedro Coelho	25:53	Grande Reportagem
07/02	Jornal da Noite	BPN – A Fraude III	Pedro Coelho	24:33	Grande Reportagem
08/02	Jornal da Noite	BPN – A Fraude IV	Pedro Coelho	26:21	Grande Reportagem
09/02	Jornal de Sábado	Gemini	Isabel Osório	11:03	Perdidos e Achados
		Menina de Odivelas	Cristina Boavida	11:00	Portugueses
10/02	Jornal de Domingo	Best of BPN	Pedro Coelho	18:12	Peça
16/02	Jornal de Sábado	Avô Metralha	Patrícia Mouzinho	08:29	Perdidos e Achados
17/02	Jornal de Domingo	SATU Oeiras	Pedro Mourinho	12:08	Peça
		Maestro		11:27	Quando eu for grande
20/02	Jornal da Noite	Suicídio	Amélia M. Ramos	12:04	Reportagem Especial

**Mês de Março 2013**

<b>Data</b>	<b>Emitido em</b>	<b>Nome Reportagem</b>	<b>Jornalista</b>	<b>Duração</b>	<b>Rubrica ou não</b>
02/03	Jornal de Sábado	Fotógrafo CGTP	Fernanda de Oliveira Ribeiro	13:21	Perdidos e Achados
03/03	Jornal de Domingo	Simone de Oliveira		11:10	Quando eu for grande
05/03	Jornal da Noite	Mobile Congress	Lourenço Medeiros	9:52	Futuro Hoje
09/03	Jornal de Sábado	Bonecos	Isabel Osório	12:36	Perdidos e Achados
12/03	Jornal da Noite	Semear para Pescar	Miriam Alves	44:13	Grande Reportagem
16/03	Jornal de Sábado	Festival da Canção	Patrícia Mouzinho	14:48	Perdidos e Achados
17/03	Jornal de Domingo	Emigrantes Alemanha	Catarina Neves	11:10	Peça
		Bagão Félix		10:53	Quando eu for grande
19/03	Jornal da Noite	Cebit	Lourenço Medeiros	9:34	Futuro Hoje
21/03	Jornal da Noite	20 anos CCB	Miguel F. Andrade	17:58	Reportagem Especial
23/03	Jornal de Sábado	Casal Ventoso	Luís Garriapa	17:57	Perdidos e Achados
24/03	Jornal de Domingo	Túnel do Marão	Pedro Mourinho	10:15	Peça
25/03	Jornal da Noite	Aldeia empreendedora – Geraz de Lima	Maria J. Mendes	11:40	Peça
27/03	Jornal da Noite	Freiras Cantoras	Carlos Rico	10:23	Peça
28/03	Jornal da Noite	Casa da Música	Sofia Arede	25:22	Reportagem Especial
30/03	Jornal de Sábado	Canhestros	Teresa Conceição	10:26	Perdidos e Achados
31/03	Jornal de Domingo	Desemprego Gaia	Pedro Mourinho	14:27	Peça
		Novas Igrejas	Catarina Neves	12:12	Peça
		Rui Reininho		11:17	Quando eu for grande

Mês de Abril 2013

<b>Data</b>	<b>Emitido em</b>	<b>Nome Reportagem</b>	<b>Jornalista</b>	<b>Duração</b>	<b>Rubrica ou não</b>
02/04	Jornal da Noite	Casa do Artista	Amélia M. Ramos	26:14	Reportagem Especial
06/04	Jornal de Sábado	Manequins Anos 80	Isabel Osório	12:55	Perdidos e Achados
07/04	Jornal de Domingo	Guerra Junqueiro	Pedro Mourinho	10:46	Peça
		Salvamento Cheias	Ana M. Póvoa	11:14	Peça
		Bispo de Benfica	Nuno R. Pereira	10:52	Peça
10/04	Jornal da Noite	Caso Agência BPN	Pedro Coelho	10:05	Peça
12/04	Jornal da Noite	Cuidar da vida até à morte	Ana Maltez	12:06	Reportagem Especial
14/04	Jornal de Domingo	Desperdício Alimentar	Pedro Mourinho	11:00	Peça
15/04	Jornal da Noite	Fome	Miguel Mota	10:09	Peça
17/04	Jornal da Noite	Cruzar Mares	Elsa Gonçalves	16:36	Reportagem Especial
18/04	Jornal da Noite	Os eleitos	Carlos Rico	43:17	Grande Reportagem
20/04	Jornal de Sábado	Perfume Patchouly	Patrícia Mouzinho	10:25	Perdidos e Achados
21/04	Jornal de Domingo	Barragens Oeste	Pedro Mourinho	13:08	Peça
22/04	Jornal da Noite	Casa do Benfica Paris	Luís Manso	11:27	Reportagem Especial
23/04	Jornal da Noite	Exclusivo Ana Moura	Miguel F. Andrade	13:32	Peça
26/04	Jornal da Noite	Toni, o grande	Nuno Luz	27:59	Reportagem Especial
27/04	Jornal de Sábado	Mestres de Cozinha	Isabel Osório	13:50	Perdidos e Achados
28/04	Jornal de Domingo	Lisboa Abandonada	Pedro Mourinho	12:20	Peça
		Sem abrigo crianças	Catarina Neves	12:02	Peça
29/04	Jornal da Noite	Moçambique I – Emigração	Fernanda Oliveira Ribeiro	12:29	Reportagem Especial

Como complemento à tabela aqui se clarifica a definição de cada categoria:

**Reportagem Especial** - Rubrica semelhante à *Grande Reportagem*, mas emitida com mais frequência e menos extensão. É emitida no *Primeiro Jornal* e no *Jornal da Noite*.

**Perdidos e Achados** - Rubrica que recupera histórias que já foram acompanhadas, há muitos anos e vai descobrir onde estão hoje em dia os seus protagonistas.

**Quando eu for grande** - Rubrica que revisita os sonhos de infância de personalidades conhecidas do grupo público.

**Grande Reportagem** - Como descrito no *site* do canal “Em horário nobre, conheça mundos desconhecidos que vivem mesmo ao seu lado. Viaje por cenários de guerra e de paz, de amor e de ódio. Descubra vidas de luxo e de crime, de luta e de resistência. Entre numa dimensão onde a Realidade é a mais pura evidência.”

Por norma é bastante extensa e passa no *Jornal da Noite*.

**Futuro Hoje** - Rubrica dedicada à inovação tecnológica, da responsabilidade do jornalista Lourenço Medeiros.

**Portugueses** - Rubrica que acompanha o dia-a-dia de portugueses singulares.

**Peça** - Denominação aqui utilizada para designar todas as reportagens que não pertençam a uma rubrica regular.

Importa também contextualizar e descrever cada reportagem presente no estudo.

**RE Mãe 7 Filhos** - Retrata a história de uma mãe que tenta recuperar a guarda de seis filhos que o Tribunal lhe tirou. Trata-se de uma história personalizada e com um carácter dramático. (ver Anexo 1, página 4)

**Perdidos e Achados – Opel** – Segue o rasto a um grupo de portugueses despedidos de uma fábrica de automóveis há sete anos. No caso desta rubrica os temas são bastante

diversificados mas remontam sempre a histórias antigas e actualizam-nas fazendo um ‘ponto da situação’. (v. Anexo 2, p. 8)

**Bancos e Empresas** – É uma reportagem de teor investigativo e ligada à economia, que busca saber porque é que os bancos não emprestam mais dinheiro às empresas e para onde é conduzido esse dinheiro. (v. Anexo 3, p. 12)

**Acidente Sertã 1 semana** – Faz o balanço, uma semana depois, de um acidente de uma excursão que fez 11 mortos e 33 feridos. Tem uma temática ligada à catástrofe. (v. Anexo 4, p.14)

**Quando eu for grande – João Ricardo** – Ajuda o ator a concretizar um sonho de infância : ser palhaço. Poderá ter um teor pouco informativo e mais ligado ao entretenimento, satisfazendo de certa forma uma curiosidade. (v. Anexo 5, p. 17)

**BPN – A Fraude I – A Linha do Tempo** – Primeiro capítulo de uma Grande Reportagem que analisa o caso BPN. Tem um carácter investigativo. (v. Anexo 6, p. 19)

**BPN – A Fraude II – Anatomia de um Golpe** – Continuação da reportagem anterior. (v. Anexo 7, p. 21)

**BPN – A Fraude III – No Rasto do Dinheiro-** Continuação da reportagem anterior. (v. Anexo 8, p.23)

**BPN – A Fraude IV – A Caixa Negra** - Último capítulo da reportagem. (v. Anexo 9, p. 25)

**Perdidos e Achados – Gemini** – Nesta reportagem a jornalista vai ao encontro da primeira banda portuguesa a receber um disco de ouro, em 1976. (v. Anexo 10, p.27)

**Portugueses – Menina de Odivelas** – A propósito da intenção do Governo de encerrar o único colégio militar exclusivamente feminino em Portugal, foi feita reportagem para conhecer o dia-a-dia de uma aluna do Instituto de Odivelas. (v. Anexo 11, p. 31)

**Best of BPN Peça** – Um resumo da grande reportagem emitida anteriormente. (v. Anexo 12, p. 36)

**Perdidos e Achados – Avô Metralha** – Conta a história daquele que é provavelmente o mais antigo assaltante português. (v. Anexo 13, p. 37)

**SATU Oeiras** – Analisa uma empresa municipal com piores resultados económicos do concelho de Oeiras. (. Anexo 14, p.41)

**Quando eu for grande – Maestro** – Segue o maestro António Vitorino de Almeida na concretização de um sonho de criança: trabalhar com animais. (v. Anexo 15, p. 43)

**RE Suicídio** – Reportagem especial que se debruça sobre um tema delicado: o suicídio. Tem um carácter emotivo e de proximidade porque relata casos particulares. (v. Anexo 16, p. 44)

**Perdidos e Achados – Fotógrafo CGTP** – Em dia de manifestação esta reportagem vai conhecer aquele que foi o repórter da CGTP durante 30 anos. (v. Anexo 17, p. 49)

**Quando eu for grande – Simone de Oliveira** – A reportagem concretiza o sonho de infância da atriz e cantora por um dia: ser professora. (v. Anexo 18, p. 52)

**Futuro Hoje – Mobile Congress** – Conforme descrito acima, é uma rubrica de inovação tecnológica e nesta reportagem é acompanhada uma feira de telemóveis em Barcelona. (v. Anexo 19, p. 54)

**Perdidos e Achados – Bonecos** – A propósito da estreia de ‘ContraPoder’ na SIC Notícias foi feita uma reportagem que revisita os primórdios deste formato.(v. Anexo 20, p.58)

**Grande Reportagem – Semear para Pescar** – A reportagem mostra a produção de peixe e marisco no país e critica o desperdício de uma costa de 800km com a importação de grande parte do que consumimos. (v. Anexo 21, p. 60)

**Perdidos e Achados – Festival da Canção** – É uma reportagem que recorda o Festival da Canção e vai ao encontro de antigos sucessos da música portuguesa. (v. Anexo 22, p. 62)

**Emigrantes Alemanha peça** – Conta a história de oito trabalhadores portugueses agredidos na Alemanha. Aborda o tema da violência e tem testemunhos emotivos. (v. Anexo 23, p. 70)

**Quando eu for grande – Bagão Félix** – A reportagem transporta o antigo ministro até ao sonho de ser agricultor. (v. Anexo 24, p. 74)

**Futuro Hoje – Cebit** – Reportagem que acompanha a maior e mais importante feira de tecnologia da Europa. (v. Anexo 25, p. 76)

**RE 20 Anos CCB** – Reportagem que recorda o percurso do Centro Cultural de Belém desde a sua inauguração até ao vigésimo aniversário. Ligada à temática da Cultura e da História. (v. Anexo 26, p.80)

**Perdidos e Achados – Casal Ventoso** – Revisita um dos bairros mais problemáticos de Lisboa e recorda o cenário que lá se vivia há doze anos. (v. Anexo 27, p. 86)

**Túnel do Marão peça** – Reportagem investigativa que aborda uma obra parada e os custos que isso implica para o país. (v. Anexo 28, p.93)

**Aldeia empreendedora – Geral Lima** – Acompanha o percurso de nove jovens recém licenciados que se instalaram em Viana do Castelo para dinamizar a região com ideias de negócio empreendedoras. (v Anexo 29, p. 95)

**Freiras Cantoras** – Conta a história de um grupo de dezasseis freiras franciscanas que se juntaram para cantar, com a ajuda de um projeto educativo da Casa da Música. (v. Anexo 30, p. 100)

**RE Stop Casa da Música** - Visita guiada ao Stop, centro comercial no Porto, no qual quase não há comércio mas cujas lojas são usadas para ensair por cerca de trezentas bandas de música de vários estilos. Temática ligada à cultura. (v. Anexo 31, p. 104)

**Perdidos e Achados – Canhestros** – A reportagem regressa a uma freguesia alentejana onde há vinte anos a população construía um centro cultural. Hoje está à beira da extinção. (v. Anexo 32, p. 112)

**Desemprego Gaia peça** – Reportagem sobre o concelho com maior número de inscritos no centro de emprego. Tema ligado à atualidade. (v. Anexo 33, p. 117)

**Novas igrejas peça** – Reportagem sobre o surgimento cada vez mais comum de novas igrejas evangélicas, que afastam várias pessoas das igrejas católicas. Ligada à temática da religião. (v. Anexo 34, p. 119)

**Quando eu for grande – Rui Reininho** – A reportagem ajuda o cantor dos GNR a realizar o sonho de criança por um dia : ser padre. (v. Anexo 35, p. 124)

**RE Casa do Artista** – Reportagem que acompanha o dia-a-dia num lar da terceira idade diferente do habitual, um lar para artistas. (v. Anexo 36, p. 126)

**Perdidos e Achados – Manequins Anos 80** – Um regresso aos anos 80, época em que surgiram as primeiras *top model* portuguesas. A reportagem vai ao encontro de três manequins. (v. Anexo 37, p. 127)

**Guerra Junqueiro reportagem** – A reportagem mostra o declínio daquela que outrora foi a mais procurada avenida de Lisboa. Temática ligada à atualidade. (v. Anexo 38, p. 132)

**Salvamento cheias reportagem** – Uma semana depois das cheias a reportagem faz um balanço do acontecimento. Temática ligada à catástrofe. (v. Anexo 39, p.134)

**Bispo de Benfica** – Reportagem que dá a conhecer um adepto caricato do Sport Lisboa e Benfica. Temática ligada ao desporto e com aquilo que se poderão considerar nuances de entretenimento. (v. Anexo 40, p. 138)

**Caso Agência BPN** – É contada a história de um desfalque no banco, pela esposa do gerente que o fez. (v. Anexo 41, p. 141)

**RE Cuidar da vida até à morte** – Reportagem que acompanha doentes oncológicos nos cuidados paliativos. Está ligada à temática da saúde e conta histórias dramáticas, como a de um rapaz de 14 anos em fase terminal. (v. Anexo 42, p. 145)

**Desperdício alimentar peça** – Debruça-se sobre a quantidade de comida que é desperdiçada em Portugal, numa altura em que grande parte da população atravessa dificuldades económicas. (v. Anexo 43, p. 149)

**Reportagem Fome** – Dá a conhecer as histórias de várias famílias que dependem da ajuda de terceiros para se conseguirem alimentar. A temática está muito ligada à atualidade e é dotada de um carácter dramático, já que mostra histórias que envolvem também crianças e pode apelar à emoção do espetador, também com testemunhos onde os entrevistados estão um pouco perturbados. (v. Anexo 44, p. 151)

**RE Cruzar Mares** – A reportagem aborda uma opção de férias cada vez mais comum: os cruzeiros. Acompanha o dia-a-dia e toda a organização a bordo. (v. anexo 45, p.156)

**GR – Os Eleitos** – Compara as realidades políticas de Portugal e Dinamarca. (v. Anexo 46, p. 163)

**Perdidos e Achados – Perfume Patchouly** – Recorda uma banda do início dos anos 80 e o seu grande êxito musical – um tema intitulado ‘Perfume Patchouly’. (v. Anexo 47, p.164)

**Barragens Oeste Reportagem** – Reportagem de carácter investigativo que analisa o desperdício de milhões de euros em três barragens. (v. Anexo 48, p. 169)

**RE Casa do Benfica Paris** – Marca uma semana de abertura da Casa do Benfica em Paris, enquanto mostra todos os preparativos necessários e vai ao encontro de vários adeptos emigrados em França. (v. Anexo 49, p. 170)

**Exclusivo Ana Moura** – Acompanha um dia inteiro na vida da fadista portuguesa que está a fazer sucesso em Portugal e lá fora. Ligada à temática da cultura. (v. Anexo 50, p. 175)

**RE Toni, o Grande** – A reportagem segue o dia-a-dia do treinador português que é um fenómeno de popularidade no Irão. Temática ligada ao desporto. (v. Anexo 51, p.178)

**Perdidos e Achados – Mestres de Cozinha** – Revisita os primeiros passos da cozinha na televisão portuguesa ao entrevistar aquelas que foram as primeiras apresentadoras de receitas em televisão. (v. Anexo 52, p. 179)

**Lisboa abandonada** – Aborda um dos problemas da capital, o abandono de casas e edifícios ao abandono. (v. Anexo 53, p. 185)

**Peça sem abrigo crianças** – Conta as histórias de várias crianças e adolescentes que vivem na rua. Tem um carácter marcadamente dramático. (v. Anexo 54, p. 186)

**Moçambique I – Emigração** - Reportagem que apresenta o retrato atual de Moçambique e salienta o cada vez maior número de portugueses que lá chegam. (v. Anexo 55, p.191)

Para efectuar a análise, entendi elaborar uma tabela, através da qual é possível verificar de que forma cada uma das cinquenta e cinco reportagens em estudo apresenta características ligadas ao *infotainment*.

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
Mãe 7 filhos	-	X	-	X	-	-	-	X	-	X
Opel	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Bancos e Empresas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Acidente Sertã 1 semana	-	X	-	X	-	-	-	X	-	X
João Ricardo	-	-	-	X	X	-	-	-	X	X
BPN – A Fraude I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BPN – A Fraude II	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BPN – A Fraude III	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
BPN – A Fraude IV	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Gemini	–	–	–	–	–	–	–	–	<b>X</b>	<b>X</b>
Menina de Odíveas	–	–	–	<b>X</b>	–	–	–	–	–	<b>X</b>
Best of BPN	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Avô Metralha	–	–	–	–	<b>X</b>	–	–	–	–	<b>X</b>
SATU Oeiras	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Maestro	–	–	–	–	<b>X</b>	–	–	–	<b>X</b>	<b>X</b>
Suicídio	–	<b>X</b>	–	<b>X</b>	–	–	–	–	–	<b>X</b>
Fotógrafo CGTP	–	–	–	–	–	–	–	–	–	<b>X</b>

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
Simone de Oliveira	-	X	-	X	X	-	-	-	X	X
Mobile Congress	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-
Bonecos	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-
Semear para Pescar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Festival da Canção	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
Emigrantes Alemanha	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-
Bagão Félix	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Cebit	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-
20 anos CCB	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
Casal Ventoso	-	X	-	X	-	-	-	X	-	X
Túnel do Marão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aldeia empreendedora – Geraz de Lima	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X
Freiras Cantoras	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Casa da Música	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Canhestros	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-
Desemprego Gaia	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
Novas Igrejas	-	-	-	X	X	-	-	-	-	-
Rui Reininho	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Casa do Artista	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X
Manequins Anos 80	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Guerra Junqueiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Salvamento Cheias	X	X	-	X	X	X	-	-	-	X
Bispo de Benfica	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Caso Agência BPN	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Cuidar da vida até à morte	-	X	-	X	-	-	-	-	-	X

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
Desperdício Alimentar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fome	-	X	-	X	-	-	-	-	-	X
Cruzar Mares	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Os eleitos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Perfume Patchouly	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Barragens Oeste	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Casa do Benfica Paris	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Exclusivo Ana Moura	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Características associadas ao *Infotainment***

	Dramatismo/ Sensacionalismo (1)	Imagens Impactantes/que apelam ao sentimento (2)	Discurso muito adjetivado (3)	Discurso emotivo (4)	Insólito/ Caricato (5)	Catástrofe (6)			Diversão (7)	Histórias Personalizadas (8)
						Natureza	História	Natureza Humana		
<b>Reportagens</b>										
Toni, o grande	-	-	-	-	X	-	-	-	X	X
Mestres de Cozinha	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Lisboa Abandonada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sem abrigo crianças	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Moçambique I – Emigração	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X

(1) O exagero das situações analisadas, como forma de aumentar o número de espectadores. Pierre Bourdieu (2005: 12) chama a atenção para essa característica televisiva:

“O princípio da selecção é a procura do sensacional, do espetacular.

A televisão apela à dramatização, no duplo sentido da palavra: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera a sua importância, a sua gravidade e o seu carácter dramático, trágico.”

(2) Escolha de imagens que ‘prendem’ o telespectador ao ecrã, quer pela curiosidade quer pelo sentimento de proximidade. “O impacto emocional da imagem é também utilizado, deliberadamente, como ‘um fim comercial’, bem como para satisfazer o ‘voyeurismo’ latente em cada um de nós, com cenas de intimidade geralmente dissimuladas aos olhares de terceiros.” (BRANDÃO, 2006: 137)

(3) A utilização de um discurso muito adjetivado nos *off’s* lidos pelo jornalista poderá servir como forma de transportar quem assiste para dentro da reportagem. Cria a sensação de proximidade.

(4) O discurso emotivo por parte dos entrevistados poderá fazer com que o telespectador se identifique com os agentes da reportagem e tal como o ponto acima, cria uma sensação de proximidade.

(5) O ser humano é curioso por natureza e regra geral não consegue evitar sentir-se atraído pelo que é diferente, fora do normal, pelo que o insólito e/ou caricato atrai o telespectador.

(6) Catástrofe neste contexto não tem apenas um único sentido. Segundo Leblanc (apud BRANDÃO, 2002; 84) existem três espécies de catástrofes que podemos encontrar nos telejornais: “as catástrofes da natureza (erupções vulcânicas, incêndios, inundações, secas, etc), as catástrofes de história (guerras, revoluções, golpes de Estado, etc) e as catástrofes de natureza humana (crimes, escândalos, etc).”

(7) A par do insólito surge o divertido, o *entertaining*. Mais do que informar, entretém. Juntamente com a atração pelo que é diferente, as pessoas também são atraídas para aquilo que os distrai e uma reportagem divertida pode surgir como ‘uma lufada de ar fresco’ entre as muitas notícias que as preocupam (crise, desemprego, ...).

(8) Histórias personalizadas são aquelas que ao invés de se debruçarem sobre o geral, focam-se no particular e tomam um indivíduo ou poucos mais como personagem principal. Isto cria o efeito de proximidade com o telespectador, pois é mais fácil que quem está em casa se identifique com a história da família X ou do indivíduo Y do que com factos soltos e generalizados.

Não foram poucas as vezes que durante o meu estágio atendi o telefone a espectadores que tinham visto a reportagem de pessoa Y e queriam ajudar...

Mais uma vez, estimula ainda o tal ‘voyeurismo’ latente em todos nós:

“O telespectador assiste às alegrias, tristezas, angústias e receios dos outros, esquece as suas próprias vivências, não aumenta as suas experiências, mas satisfaz os seus desejos de *voyeurismo*.” (SANTIAGO, 2006:88)

Com a análise da tabela podemos constatar que num total de cinquenta e cinco peças, apenas quinze não possuem qualquer característica ligada ao *infotainment*.

Isto faz com que quarenta peças possuam uma ou mais características das acima identificadas, ou seja, mais de dois terços do material analisado.

A reportagem “Salvamento Cheias” emitida no dia sete de Abril de 2013 soma seis características e é a reportagem que assume de forma mais marcada um perfil informativo-*entertainer*.

Trata-se de uma catástrofe de natureza, na qual encontramos histórias personalizadas, planos fechados, vídeos amadores e imagens dramáticas (como é o exemplo do carro submerso e das ovelhas afogadas). Podemos ainda ouvir uma música dramática como som de fundo a um testemunho da catástrofe. Pode considerar-se que haja um exagero do carácter dramático, de certa forma sensacionalista no que toca ao carácter heróico atribuído aos dois jovens responsáveis pelo salvamento de duas ovelhas.

Com um total de cinco características surge a reportagem “Simone de Oliveira”, pertencente à rubrica *Quando eu for grande*. Nesta reportagem é possível encontrar por parte da jornalista uma linguagem poética, como exemplo “em cada ruga a cantiga do país...” ou “saudade é um vinco na alma” e são nos apresentados vários planos fechados na cara e mãos da cantora e actriz que se emociona ao falar da doença do companheiro. É também insólito, caricato e divertido porque podemos ver a artista num papel no qual não a imaginávamos, o de professora de francês.

São quatro as reportagens com quatro características associadas ao *infotainment*: “Mãe 7 Filhos”, “Acidente Sertã 1 semana”, “João Ricardo” e “Casal Ventoso”.

A primeira a surgir neste estudo é claramente dotada de um carácter dramático com a apresentação de uma história personalizada, neste caso de uma mãe que viu serem-lhe tirados seis dos sete filhos. São muitas as imagens e testemunhos que apelam à emoção, como é o caso dos planos fechados nos brinquedos e fotografias das crianças e dos vivos em que a mãe mostra desespero e desorientação, chegando inclusivé a dizer “Há dias que me apetece matar”.

No caso da segunda reportagem trata-se, tal como o nome indica, de um acidente e como tal de uma catástrofe de natureza humana. É possível encontrar imagens perturbantes do pós-acidente, com destroços, ambulâncias, um enorme aparato e pessoas a chorar, bem como histórias personalizadas (como é o caso de um dos entrevistados que tinha oito familiares no autocarro e cuja história é depois acompanhada). São ainda muitos os testemunhos emocionados – o do motorista que chora e a quem treme a voz durante o discurso, visivelmente perturbado; o de uma senhora que dá a entrevista ainda deitada numa maca do hospital enquanto descreve o acidente com dificuldade; entre outros. Passam ainda imagens dos funerais de algumas das vítimas.

No caso da terceira reportagem, “João Ricardo”, é claramente mais “leve” e com um carácter divertido, que visa entreter. É de certa forma caricata ao mostrar-nos o actor vestido de palhaço e a trabalhar num circo como sonhara em criança mas tem também um discurso emotivo ao longo do decorrer da reportagem, quando o actor revela que dormiu na rua, perdeu a mãe e quando aborda o amor que sente pelo filho. A reportagem termina com o entrevistado muito emocionado no final.

A quarta peça, “Casal Ventoso”, pertencente à rubrica *Perdidos e Achados*, tem um carácter marcadamente dramático, uma vez que nos transporta para realidades de vida bastante difíceis em cenário de drogas e destruição. Acentuando esse carácter

surgem a música de fundo e os planos fechados, a par dos testemunhos emocionados que encontramos nas histórias personalizadas de quem lá vive ou viveu. É ainda uma catástrofe de natureza humana por estar ligada ao crime.

Durante o período em estudo foram emitidas mais de uma dezena de reportagens com três características das acima definidas, treze ao certo: “Maestro”, “Suicídio”, “Festival da Canção”, “Emigrantes Alemanha”, “Bagão Félix”, “Freiras Cantoras”, “Casa da Música”, “Rui Reininho”, “Bispo de Benfica”, “Cuidar da Vida até à morte”, “Fome”, “Casa do Benfica Paris” e “Toni, o grande”.

Na reportagem “Maestro” da rubrica *Quando eu for grande* encontramos um carácter *entertainer* e caricato, ao ser-nos mostrado um lado inesperado do conhecido maestro português que em criança sonhava trabalhar com animais. É possível ainda encontrar uma linguagem muito poética e menos factual no discurso da própria jornalista em afirmações como “a vida tem muito de partitura”. O mesmo acontece com “Bagão Félix” e “Rui Reininho”, da mesma rubrica, também elas insólitas e divertidas, dotadas da mesma linguagem pouco jornalística. Contudo, o coordenador do *Jornal de Domingo* onde todas foram emitidas defende-se dizendo que continuam a ser peças jornalísticas : “nunca ouvi uma crítica do género ‘isto não é informação’ ou ‘isto não é jornalismo (...) Havia sempre essa preocupação de não passar essa linha precisamente.” (v. Entrevista a Pedro Mourinho em anexo: 265)

A segunda reportagem, “Suicídio”, tem uma carga emocional bastante pesada e um carácter dramático, que transparece no discurso emocionado de um pai que perdeu um filho, na música de fundo e nos planos fechados na cara do entrevistado, mostrando tristeza no olhar. É acompanhada uma história específica, o que justifica a sua inserção nas histórias personalizadas.

“Emigrantes Alemanha” apresenta histórias personalizadas, trata-se de uma catástrofe de natureza humana por abordar um crime e ter um carácter dramático e violento e tem ainda discursos emotivos: “Tenho nove facadas (...) Quero trabalhar mas o acidente acabou com tudo”.

“Festival da Canção” é uma reportagem que tal como todas as pertencentes à rubrica *Perdidos e Achados* recua no tempo e faz a ligação à atualidade. Retrata histórias personalizadas de cantores que participaram no festival décadas atrás, de uma forma engraçada e com imagens que poderão apelar ao sentimento com o uso de planos fechados nas caras dos entrevistados.

“Freiras Cantoras” e “Casa da Música” são duas reportagens com as mesmas características. Podem ser vistas como divertidas e caricatas porque mostram cenários invulgares, na primeira um grupo de freiras que se junta para ter aulas de música num cenário descontraído e na segunda um centro comercial onde ao invés de roupas se encontra música dos mais variados estilos.

“Bispo de Benfica” é uma história personalizada de um indivíduo que durante a semana trabalha como talhante e ao fim-de-semana e em dias de jogos assume o papel de Bispo mascarado no Estádio da Luz. Tem um carácter claramente divertido e é evidentemente insólito.

Já “Cuidar da vida até à morte” entra num registo completamente diferente, com um carácter bastante dramático e que aborda um tema delicado – o dos doentes em fase terminal. Neste caso é ainda mais sensível uma vez que se trata do caso de uma criança. Como tal, são muitos os testemunhos emotivos.

Na tabela criada para esta análise podemos encontrar uma característica apelidada de Dramatismo. Seria então de esperar que as reportagens “dramáticas” se encaixassem lá, mas a meu ver não. Entendo essa característica do Dramatismo como ligada ao Sensacionalismo e como um exagero da realidade, ao passo que o carácter dramático que podemos várias vezes encontrar entendo-o como ligado às situações que são de facto delicadas, como é o caso desta Cuidar da vida até à morte ou da reportagem especial Suicídio, não havendo um exagero.

De salientar que esta é a minha análise e o meu ponto de vista, o que para mim não é exagerado poderá parece-lo aos olhos de outrém.

Contudo, no meu estudo gostaria de salientar essa distinção que fiz e que justifica o facto de muitas reportagens com um carácter dramático não se inserirem na categoria do Dramatismo, o que seria provavelmente expectável.

Na mesma linha surge a reportagem “Fome”, também ela com um carácter bastante dramático ao acompanhar as histórias de quem passa por dificuldades financeiras e por conseguinte situações de carência alimentar. As imagens apelam ao sentimento e “mexem” com o telespectador, ao mostrar realidades diárias de quem depende da ajuda de instituições para ter algo que comer. São vários os testemunhos emotivos e existem histórias personalizadas, sendo a mais marcante a que envolve crianças, chegando até a aparecer Raúl de doze anos.

Podemos tomar como exemplo alguns excertos: “A primeira vez que vi uma criança na fila desatei a chorar, entrei no carro e disse ao meu marido ‘vamos embora que eu não

consigo estar aqui” ; “Custa e de que maneira! Ter uma filha de onze anos chegar a casa e ‘ó mãe, não tens um iogurte?’ não, não tenho.” e ainda o caso da mãe de dois rapazes menores que chegou a pedir que os filhos fossem institucionalizados “Pedi, porque eu senti-me... eu querer abrir o frigorífico e não ter. Ele pedir-me um pão, tanto o Diogo como o Raúl dizerem ‘mãe, tenho fome’, ‘não tenho, filho’... Sinto-me uma mãe impotente, incapaz, por faltar comida aos meus filhos.”

“Casa de Paris Benfica” e “Toni, o grande” são duas reportagens com as mesmas características – insólitas, divertidas e com base em histórias personalizadas. Na primeira é possível conhecer um colecionador que tem um museu em casa, onde arrecada mais de cinco mil artigos do Benfica e na segunda podemos acompanhar o sucesso inesperado de um treinador português no Irão.

A surgir na tabela com duas características constam dezasseis reportagens, a maior fatia: “Opel”, “Gemini”, “Menina de Odivelas”, “Avô Metralha”, “Mobile Congress”, “Bonecos”, “Cebit”, “Aldeia empreendedora – Geraz de Lima”, “Novas Igrejas”, “Casa do Artista”, “Manequins Anos 80”, “Caso Agência BPN”, “Cruzar Mares”, “Perfume Patchouly”, “Mestres de Cozinha” e “Sem abrigo crianças”.

“Opel” é mais uma reportagem de carácter dramático, uma vez que conta a história do encerramento de uma fábrica que conduziu à perda de mil e duzentos postos de trabalho. Acompanha histórias personalizadas e reencontra hoje os trabalhadores despedidos em 2006 que mostram um discurso emotivo: “fiquei em choque, às vezes até me vêm as lágrimas aos olhos” e “Foi um pesadelo, muitas noites sem dormir por não saber como é que ia pagar a minha casa” são exemplos disso.

“Gemini”, “Manequins Anos 80”, “Cruzar Mares”, “Perfume Patchouly” e “Mestres de Cozinha” partilham as mesmas características – Diversão e Histórias Personalizadas. Exceptuando a *Reportagem Especial* “Cruzar Mares” todas as outras pertencem à rubrica *Perdidos e Achados*, daí as semelhanças. Todas elas nos transportam no tempo, tornando-se divertidas ao proporcionar a oportunidade de ver como eram as coisas em tempos passados e tornando-se assim próximas do propósito de entreter. No caso de “Cruzar Mares” torna-se divertida porque dá ao telespectador a oportunidade de conhecer um mundo de luxo e brilho, provocando um certo deslumbramento em quem acompanha a história personalizada de uma família num cruzeiro.

“Menina de Odivelas”, “Caso Agência BPN” e “Sem abrigo crianças” também partilham outras duas características, o facto de serem todas histórias personalizadas e de conterem discursos emotivos.

No caso da primeira reportagem os discursos emocionados surgem tanto da parte dos pais como da filha aluna do colégio : “Chegar ao fim do dia a casa e não estar a filha é como se nos faltasse um braço...”; “sempre que ela me fala em missões é muito difícil pensar que a nossa filha vai para uma missão, que tem risco (...) Vou chorar. Ela parte e eu choro.” ; “Vai ser horrível. Nem sei bem ainda... vai-me custar muito sair de lá. Foi ali que eu cresci.”.

Na peça “Caso Agência BPN” também é possível encontrar palavras mais sentidas como “Não há pai. Só se for no papel. Uma pessoa que se afasta dos filhos, não lhes telefona e que diz se quiseres liga porque o telefone do pai é de borla, não é pai.”

Em “Sem abrigo crianças” encontramos um carácter marcadamente dramático ao longo de toda a reportagem.

“Avô Metralha” insere-se no Insólito/Caricato e nas Histórias Personalizadas, tal como “Aldeia empreendedora-Geraz de Lima” e “Casa do Artista”.

A primeira é caricata por ter um senhor de idade avançada a narrar as peripécias no mundo do crime, a segunda por mostrar jovens que optaram por investir numa vida no campo e a última por mostrar um lar da terceira idade diferente do habitual.

“Mobile Congress” apresenta como característica o Insólito/Caricato e a Diversão. É também o caso de “Bonecos” e “Cebit”. Em “Mobile Congress” podemos encontrar carregadores de telemóveis que funcionam a água, jogos que funcionam só através do olhar, tablets nos quais não se toca, entre outras novidades fora do comum e em “Cebit” são conhecidos sistemas de leitura das palmas das mãos para entrar num qualquer lugar.

Já “Bonecos” recorda os primórdios da sátira política, justificando assim as características com as quais foi identificada.

Novas igrejas é insólito e caricato por dar a conhecer igrejas com um funcionamento muito diferente do habitual, isto é, onde nas missas se dança e toca música rock, por exemplo. Tem ainda discursos emotivos de pessoas que dizem ter sido salvas de doenças graves pelo poder da fé.

São cinco as reportagens com apenas uma das características analisadas: “Fotógrafo CGTP”, “Semear para Pescar”, “Canhestros”, “Desemprego Gaia” e “Moçambique I – Emigração”.

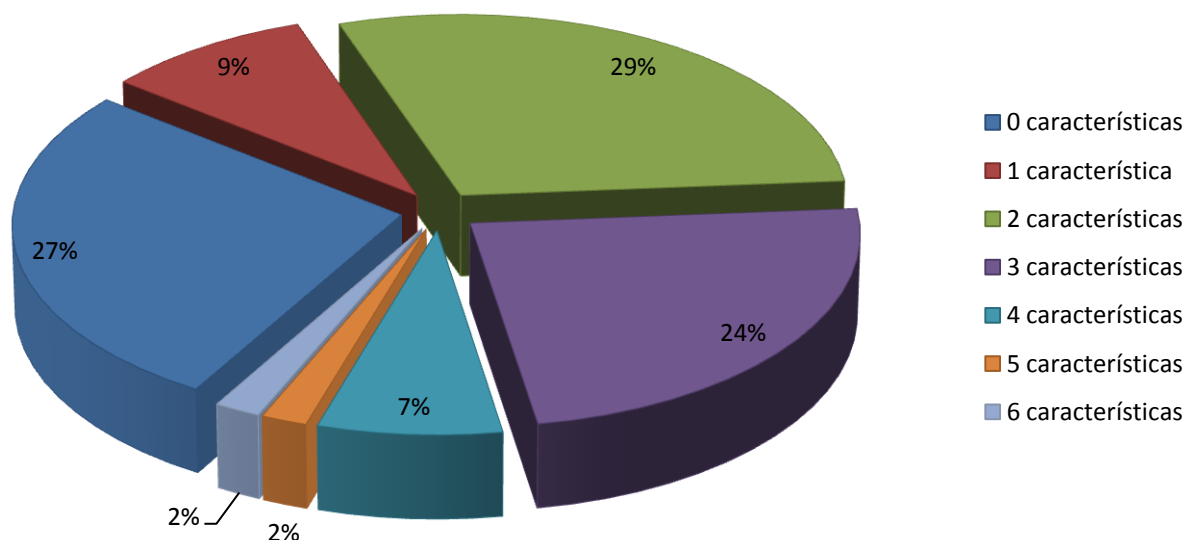
Na primeira trata-se de uma história personalizada por, tal como o próprio nome indica, acompanhar a história de uma pessoa específica, um antigo fotógrafo da central sindical. Em “Semear para pescar” e “Moçambique I – Emigração” a característica é a mesma, sendo que na primeira é contada a história de um empresário que tentou investir na indústria marisqueira sem sucesso e na segunda é acompanhada a nova vida de portugueses que decidiram partir para Moçambique.

“Canhestros” parece-me insólito e caricato por contar a história de um grupo de habitantes da aldeia que decidiu construir um centro cultural por própria conta e risco.

Por último, “Desemprego Gaia” assume um carácter dramático por se debruçar sobre um dos maiores flagelos da sociedade atual. A juntar a isso há imagens que apelam ao sentimento como é o caso de um pai com o filho pequeno a pedir comida numa instituição, acompanhado ainda de uma música de fundo.

Assim, de uma forma resumida o resultado é:

### **Infotainment nas médias e grandes reportagens da SIC - Fevereiro/Março/Abril 2013**



Estes dados assumem particular importância uma vez que é do conhecimento público que a SIC sempre apostou bastante no formato *Grande Reportagem*, com uma rubrica com o mesmo nome e que existe desde 1996 até aos dias de hoje.

O director de informação, Alcides Vieira (v. Entrevista em anexo: 246), também salienta esse pormenor:

“ (...) desde o primeiro dia a SIC apostou sempre na Reportagem (...) Nós podemos fazer uma pequena reportagem baseada numa mera notícia. Ou seja, há aqui essa preocupação em transformar as notícias em reportagens. Só que depois algumas serão médias, grandes, outras pequenas, em função da riqueza e da importância dos assuntos. Houve sempre essa preocupação, em que nós começamos a dar a volta à notícia, na perspectiva de reportagem.”

Graças a isso recebeu já vários prémios ao longo dos anos. O mais recente, em Julho deste ano, foi o Prémio Gazeta de Televisão, atribuído à série documental "Momentos de Mudança", emitida no segundo semestre de 2012.

O conjunto de 4 trabalhos da série documental “Germano e Elisa – a entrega da casa” “Maria Amélia – Da casa ao lar”, “Vitor – o fecho da fábrica” e “Alexandra – viver com o HIV” venceu ainda a 15ª edição do Prémio AMI - Jornalismo Contra a Indiferença.

Pouco antes, no final de Junho, a Grande Reportagem SIC venceu o prémio de Jornalismo Pela Diversidade Cultural 2013, na categoria televisão.

A reportagem "Um dia vou ficar português" foi distinguida pelo ACIDI, o Alto Comissariado para a Imigração e diálogo intercultural. O trabalho acompanha o processo de acolhimento e integração em Portugal de três jovens refugiados, obrigados a fugir da violência dos países de origem.

A mesma reportagem venceu também o prémio de jornalismo atribuído pela associação "Corações com Coroa". O júri distinguiu o trabalho como a melhor reportagem na área da promoção e defesa dos Direitos Humanos, igualdade de oportunidades e de género.

O segundo prémio foi entregue à equipa do programa Momentos de Mudança, pela reportagem "Alexandra - Viver com H.I.V".

O ACIDI distinguiu ainda com uma menção honrosa a reportagem "Os alfaiates africanos" emitida no Jornal da Noite de domingo.

## Capítulo III

### Local de Estágio

#### A SIC e o grupo IMPRESA

A SIC – Sociedade Independente de Comunicação faz parte de um enorme grupo de *media* no panorama nacional, o grupo Impresa.

O grupo Impresa tem as suas origens em 1972, data em que Francisco Pinto Balsemão criou o Expresso. Um jornal semanário que ainda hoje é publicado todos os sábados <sup>1</sup>.

Mais tarde, em 1989, o grupo entrou na área das revistas, com aquela que seria a primeira revista de negócios em Portugal, a Exame.

No ano anterior, tinha sido constituída a Controljornal, a empresa holding que agrupava as diversas participações detidas pelo Grupo.

É em 1991 que o capital social da Controljornal se abre a investidores externos e nasce a ‘super’ holding Impresa, na mesma altura do concurso para atribuição dos primeiros canais de televisão privados.

Passaram-se cinco anos entre a constituição do canal SIC (em Novembro de 1987) e a atribuição de licença (em Fevereiro de 1992), mais oito meses até que começasse a emitir.

As emissões experimentais tiveram início a 2 de Outubro de 1992 e quatro dias depois, a emissão passou a regular.

Aquele que foi o primeiro canal privado de televisão português, tornou-se líder de audiência ao completar três anos, em 1995.

Em 1997 iniciam-se as transmissões da SIC Internacional, com a intenção de chegar à comunidade portuguesa espalhada pelo mundo. Chega hoje a mais de 5,4 milhões de telespectadores e está presente em França, Suíça, Luxemburgo, Bélgica, Estados Unidos, Canadá, Angola, Moçambique, África do sul e Brasil.

Em 1998 nasce a SIC Filmes, extinta pouco depois, tal como a SIC Gold que começou a transmitir em 2000.

Em 2001, existe um crescimento da empresa, com o desenvolvimento de novas áreas de actividade e é aí que nasce o canal temático SIC Notícias, exclusivamente dedicado à informação e que viria a ser líder de audiências no cabo. Para além dos blocos informativos de hora-a-hora, o canal também emite programas temáticos, dedicados ao debate da actualidade, à economia, saúde, entrevistas, espectáculo, moda e desporto.

Surge no mesmo ano a SIC Radical, um canal dedicado aos jovens, e a SIC Online. Foi a entrada do canal na era digital e multiplataforma, actualmente o canal

---

<sup>11</sup> Esta e todas as informações presentes neste capítulo foram retiradas de um documento digital disponível no *site* do canal em <http://sic.sapo.pt/online/sites%20sic/sic%20institucional>

conta não só com um site, como também marca presença nas redes sociais e tem também um blogue.

Dois anos mais tarde, nasce a IMPRESA Publishing, que aglomera as atividades de revistas e jornais do grupo, com mais de 30 publicações dedicadas às mais diversas temáticas. Contam-se entre elas Expresso, Visão, Visão Júnior, Visão Vida e Viagem, Caras, Caras Decoração, Activa, Exame, Exame Informática, Blitz, TV Mais e Tele Novelas.

Nesse mesmo ano, é criado no Dia Internacional da Mulher, a SIC Mulher, um canal temático para o público feminino. É o primeiro e único canal temático português dedicado exclusivamente à mulher.

Ainda em 2003, surgiu o projecto de solidariedade da SIC, a SIC Esperança, que viria a ser reconhecida como Instituição Particular de Solidariedade Social em 2007.

Há quase cinco anos, no final de 2008, o Grupo IMPRESA tinha um volume de negócios a rondar os 273 milhões de euros, fazendo dele o maior grupo de comunicação social em Portugal.

A actividade do grupo está dividida em três áreas – SIC, IMPRESA Publishing e IMPRESA Digital.

Os interesses englobam a estação de televisão, canais por cabo, o semanário Expresso, várias revistas, propriedades na internet e ainda interesses na distribuição de publicações.

No ano seguinte, 2009, a SIC inaugurou novos estúdios no Parque Holanda e nesse mesmo ano criou a SIC K, um canal temático dedicado ao público infantil, isto é, entre os 7 e os 14 anos.

Passados dois anos, a SIC celebrou o seu 19º aniversário com a inauguração dos novos estúdios e instalações em Matosinhos.

A SIC foi um canal que veio marcar a diferença, pondo fim a trinta e cinco anos de monopólio estatal pois até à data existia apenas o canal público de televisão... e nos documentos disponibilizados pela estação televisiva podem ler-se os valores pelos quais o canal se rege. São eles:

- Credibilidade
- Qualidade
- Inovação
- Modernidade
- Diversidade

- Dinamismo
- Proximidade

A SIC tem algumas empresas paralelas que consigo colaboram nalgumas áreas. É o caso da GMTS, responsável pelos serviços técnicos, como os carros de exteriores. É também o caso da Bloomgraphics, empresa responsável pelo grafismo.

Em termos de espaço, existem nas instalações sede de Carnaxide dois estúdios. O estúdio A, mais ligado à SIC generalista e onde são gravados o *Primeiro Jornal* e o *Jornal da Noite* e o Estúdio B, mais ligado à SIC Notícias, onde são gravados os blocos informativos deste canal bem como outros programas.

Cada estúdio possui a sua própria régie.

O Estúdio A é composto por duas zonas e por um cenário real onde são gravados os dois grandes blocos informativos do canal generalista. Possui 50 projetores fixos e existe ainda uma zona virtual onde é utilizada a técnica de efeito visual, chroma key.

Também o estúdio B possui uma zona virtual onde é usada a mesma técnica e outra zona que tem a redação da SIC Notícias, mais pequena, como pano de fundo.

São também aí feitas as emissões de programas da SIC Notícias como o *'Expresso da Meia-Noite'*, o *'Eixo do Mal'* e *'Quadratura do Circulo'*.

É um estúdio com 55 projetores fixos.

Para além destes dois estúdios maiores e isolados, existe ainda uma área no meio da redacção, que não sendo um estúdio, está preparada para a emissão da Edição da Manhã e para os Jornais Síntese da madrugada.

Deste lado, na sede, trata-se apenas de informação, havendo também espaço para os recursos humanos, gabinetes de marketing, grafismo e afins.

Do outro lado da estrada, fica o Parque Holanda, inaugurado em 2009 e com os estúdios dedicados ao entretenimento. Possui 3 estúdios, um armazém técnico e outro de cenários.

O estúdio 1 é palco dos programas da manhã e da tarde, *'Querida Júlia'* e *'Boa Tarde'*.

No 2, são gravados programas como o *'Fama Show'* e o *'E Especial'*.

Já o estúdio 3 é espaço de emissão diária para o *'Curto Circuito'*, o *'Mais Mulher'* e o *'Alô Portugal'*.

Nas régies é possível encontrar todo o material necessário para a edição de programas. Tais como uma mesa de mistura de vídeo, controlo de imagem, 5 câmaras,

uma mesa para controlar projetores, gerador de caracteres, informática para alinhamento e coordenação de programas e sala de áudio.

Apresentado o espaço, é altura de passar para as pessoas que o compõem e aí chegamos à redacção.

Existe uma redacção única e partilhada, que providencia a informação para todas as plataformas: SIC, SIC Notícias e SIC Online.

Dentro do conjunto, existem depois pequenos ‘grupos’, chamados editorias e que se dedicam mais em profundidade a cada área: Sociedade, Política, Economia, Desporto, Internacional e Cultura. Cada editoria é liderada pelos editores executivos, existindo ainda os coordenadores de cada jornal.

É através de duas reuniões diárias, uma às 11h e outra às 15h, que se decidem quais as matérias a ser tratadas e distribuídas pelos jornalistas de cada editoria.

É aqui que se estabelece o *planning*, um mapa diário de trabalho, onde é definido o que cada pessoa irá fazer. É uma espécie de agenda de trabalho conjunta.

Em Carnaxide, existem três redacções. Uma maior, onde se encontra quase toda a equipa de jornalistas, outra mais pequena que serve de fundo ao estúdio 2, o da SIC Notícias, e ainda outra onde estão localizados os gabinetes das chefias e onde se encontram os jornalistas que trabalham em rubricas não diárias, como é o caso da *Grande Reportagem* ou *Perdidos e Achados*.

Para além dos jornalistas que trabalham nas redacções de Carnaxide, existe ainda a delegação do Porto e correspondentes espalhados um pouco por todo o país: Aveiro, Bragança, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Guarda, Portalegre, Vila Real, Viseu, Madeira e Açores.

À parte dos jornalistas, mas em trabalho conjunto e formando uma equipa, existem os repórteres de imagem, que tal como o próprio nome indica estão responsáveis pela captação de imagem em reportagem.

Também inseridos na redacção, mas nas chamadas ‘ilhas’ de edição, estão os editores de imagem, que muitas vezes prestam auxílio ao jornalista na hora de ‘montar’ a peça.

Contamos ainda no mesmo espaço com o *Helpdesk*, uma área da informática, criada para resolver todos os problemas que possam ser detetados nos computadores dos jornalistas e com a *Newsdesk*, uma área de produção. É onde se encontram os produtores ligados à informação, que são quem marca e "desenrasca" todos os pedidos dos coordenadores dos jornais. São responsáveis pelas marcações de satélites para os

directos, orientam equipas, tratam dos convidados...tratam de todas as burocracias que são precisas para as credenciais, entre outras actividades. São também o elo de ligação entre a Central e a Régie...a Régie faz os pedidos à Newsdesk, que reencaminha para a Central. A Central de Informação é de certa forma uma porta de entrada para a SIC.

Tudo o que é produzido fora do espaço físico do canal, programas como o Querida Júlia e o Boa Tarde, directos nos jornais, bem como todas as imagens de agências noticiosas como a Reuters, APTN, ENEX e LUSA.

A informação pode ser recebida de várias formas, como por exemplo via satélite ou fibra óptica.

Este método de funcionamento é válido para todos os canais da estação (SIC generalista, SIC Notícias, SIC Radical, SIC Internacional, SIC Mulher e SIC K).

Também as peças feitas pelos correspondentes das delegações usam esta via para chegar ao destino. De uma forma geral, tudo o que tem de entrar na SIC, chega através da Central.

## Capítulo IV

### O Estágio

Dia-a-dia, trabalhos e progressos

Na etapa final do mestrado em Jornalismo foi-nos dado a escolher entre Dissertação, Projeto e Relatório de Estágio. Optei por esta última, em parte porque me pareceu mais apelativo, mas principalmente porque vindo de uma área de formação diferente me pareceu uma ótima porta de entrada no mercado de trabalho na área do Jornalismo.

Assim, decidi que gostaria de estagiar em Televisão. O Ateliê que tinha realizado no decorrer do mestrado tinha suscitado um maior interesse pela área, bem como um curso extra que viria a fazer no CENJOR, Centro de Formação Protocolar para Jornalistas.

Escolhi então o grupo IMPRESA, mais precisamente a estação televisiva SIC, por conter o tipo de informação com o qual me identificava mais, bem como protocolo com a Escola Superior de Comunicação Social.

Entrei em contacto via telefónica para saber quais as possibilidades de realizar o estágio em Carnaxide e foi-me dito que o melhor seria enviar um e-mail a explicar a situação, com o *curriculum vitae* em anexo. Aproveitei também para enviar o meu projeto de investigação, que pretendia desenvolver durante o estágio e enviei a mensagem eletrónica dia 29 de Maio de 2012.

Não havendo qualquer resposta por parte da entidade, voltei a insistir dia 20 de Julho. Chegou-me de imediato resposta, mas de um ‘e-mail tipo’ vindo de um assistente de relações públicas. Voltei a insistir, uma vez que era realmente muito importante obter uma resposta com a maior brevidade possível.

Ainda sem qualquer resposta concreta e depois de muitas tentativas e contactos, com ajuda de um professor da ESCS consegui arranjar um contacto mais directo e voltei a reenviar o e-mail dia 18 de Outubro, desta feita para um dos sub-diretores do canal, responsável pelos estágios.

Dia 7 de Novembro chega finalmente um contacto dos Recursos Humanos a convidar-me para uma entrevista dia 12 de Novembro, à tarde. Nessa segunda-feira dirigi-me então às instalações de Carnaxide onde fui entrevistada pelo Martim Cabral, um dos sub-diretores de informação da estação. Tal como eu, estavam lá outros estudantes que aguardavam a sua vez. A entrevista decorreu no gabinete do Martim Cabral e foi uma conversa informal que serviu para que me apresentasse, qual a minha formação, quais os meus objectivos e expectativas em relação ao estágio.

Ficou combinado com a Filipa Ferreira, da Direcção de Recursos Humanos, que assim que terminassem as entrevistas, dentro de uma semana aproximadamente, entrariam em contacto comigo para saber se tinha sido seleccionada.

Foi também ela que me explicou a estrutura do estágio, funcionamento da empresa, horários, entre outras coisas.

Cerca de uma semana e meia mais tarde, dia 23, soube que havia sido seleccionada e apesar da minha disponibilidade imediata ficou acordado que o estágio teria início dia 7 de Janeiro.

Este relatório de estágio surge assim de uma ‘luta’ para conciliar a componente profissional com a académica. Num ano em que no primeiro semestre o desemprego jovem atingiu os 42,5% existiu ao longo de todo o processo a dualidade entre satisfazer o interesse de concluir o mestrado, mas ao mesmo tempo conquistar um lugar na redacção, aproveitando a oportunidade para aprender o mais que conseguisse e dar o meu melhor em cada dia de trabalho.

Tinha ficado estabelecido que apesar de serem necessárias apenas 400h de estágio a nível curricular o estágio teria a duração de seis meses, uma vez que é esta a regra da empresa. Ainda que me dificultasse bastante a elaboração do relatório, uma vez que ficaria com menos tempo do que os colegas que realizavam estágios de 400h, concordei com a duração de meio ano. Pareceu-me uma óptima oportunidade e não quis desperdiçá-la, até porque acredito que num estágio de muito curta duração não teria o tempo suficiente para aprender tudo o que envolve uma televisão e nunca alcançaria um certo nível de independência.

Na segunda semana de 2013 começa o meu estágio.

No início, os estagiários são repartidos por três áreas introdutórias: Agenda, Opinião Pública e Online. No meu caso, fui inserida na Agenda, em conjunto com outro colega de turma que entrou no mesmo dia.

A Agenda é o departamento onde, digamos, tudo começa, é uma espécie de ‘berço da informação’ do canal. É aqui que é feita a triagem da informação e as marcações necessárias à realização de reportagens. Recebíamos e-mails, *press-releases* e comunicados oficiais do Governo, de onde extraíamos toda a informação necessária para agendar algo, através da criação de fichas.

O que se ia passar, onde, quando, como, com quem, contactos. De seguida seleccionava-se a editoria mais adequada, o que nem sempre era linear: Sociedade, Economia, Política, Desporto, Cultura, AR, Porto, Efemérides.

Existiam regras, como por exemplo: um serviço que fosse na área do Grande Porto, independentemente de pertencer ao Desporto ou Economia, iria sempre para o separador do Porto. Era também essencial que nos títulos dos serviços constassem os nomes das personalidades mais emblemáticas, de maneira a dar-lhes destaque.

Muitas das vezes o que importava não era o serviço em si... mas sim quem estava presente. Suponhamos... a Feira da Batata. Poderá parecer irrelevante, mas se o Primeiro-Ministro for inaugurá-la ou se for a Ministra da Agricultura a visitá-la, ganha um novo relevo. Estas fichas, seriam o que depois o jornalista a quem fosse atribuído o serviço levaria para campo, portanto pretendia-se que fossem o mais completas possível para facilitar o trabalho aos colegas. Tudo isto no ENPS (Essential News Production System), o software que engloba grande parte do trabalho na SIC.

A maioria da informação chegava-nos também pela agência LUSA, através de adendas diárias, semanais e mensal.

A par disso, recebíamos muitas chamadas telefónicas com sugestões de reportagem. Tínhamos que analisar a história, ficar com os contactos e passar a informação à coordenadora da Agenda, que iria depois decidir se tinha ou não interesse jornalístico. Caso tivesse, a ideia era posteriormente levada à reunião, onde seria decidido em conjunto se avançaria para reportagem ou não.

Durante o meu tempo na Agenda, certamente terão havido mais, mas lembro-me de uma história em particular que recebi e culminou em reportagem. Atendi um senhor que tinha o pai idoso num lar, que se sentiu mal num domingo depois de almoço e foi levado por uma auxiliar ao Hospital Garcia da Orta. O idoso desapareceu do Hospital sem que ninguém se apercebesse e as auxiliares só informaram o filho no dia seguinte. O senhor estava extremamente preocupado e indignado.

Lembro-me que a jornalista Ana Margarida Póvoa fez a reportagem que passou no *Primeiro Jornal* e no *Jornal da Noite* e o senhor, filho do idoso desaparecido, foi ainda entrevistado nos estúdios Holanda, do outro lado das instalações da SIC, para o programa *Boa Tarde*.

Para além dos e-mails, adendas e telefonemas, líamos também os jornais do dia em busca de informação passível de agenda.

Posteriormente aprendemos a aceder no *software* não só à agenda, onde fazíamos as marcações necessárias, mas também:

- ao *planning* - onde é possível ver as saídas marcadas e o que já fora seleccionado da agenda;

- ao *master* – onde se podem ver todas as peças registadas no sistema, mesmo as que não chegam a ‘ir para o ar’
- e aos alinhamentos – onde é possível ver a estrutura dos telejornais emitidos pela SIC e SIC Notícias.

Na Agenda trabalhava com Isabel Santana, Conceição Andrade, Ana Marisa Silva e Ana Luísa Galvão, a coordenadora. Era um ambiente muito descontraído, no qual tivemos todo o acompanhamento necessário ao início e onde nos incentivaram sempre a tirar todas as dúvidas e nos estimularam a querer aprender mais.

O horário alternava entre as 9h – 17h e as 12h – 20h. Íamos alternando entre os dois estagiários. Integrei este departamento entre 7 de Janeiro e 22 de Fevereiro, um mês e meio. Na Agenda estão sempre dois estagiários, sendo que na primeira semana recebi formação dos colegas que lá estavam e na última fui eu a dar formação à colega que iria ocupar o meu lugar.

Em seguida passei para o *Jornal da Noite*, coordenado pela Marta Brito dos Reis e apresentado pelo Rodrigo Guedes de Carvalho e pela Clara de Sousa.

Já tinha ouvido muita coisa acerca deste departamento e foi-me de certo modo desaconselhado que para lá fosse. “Porque a X esteve lá dois meses e não fez nada... Porque o Y esteve lá e detestou...”

No entanto, também houve quem me dissesse que dependia muito da atitude do próprio estagiário. Não me deixei influenciar e encarei a situação não como desmotivante, mas sim como um desafio. Eu não seria a X ou o Y, comigo seria diferente... E foi. Cheguei lá cheia de vontade de fazer mais e melhor e souberam reconhecê-lo, pelo que tive sempre bastante trabalho. Aliás, a ideia seria passar nesta editoria apenas um mês e meio ou dois, mas acabei por lá permanecer (por opção própria e do meu editor) até ao último dia de estágio.

Aqui acabei por estar essencialmente ligada à Economia, portanto era dirigida pelo seu editor, José Gomes Ferreira, que acumula funções como editor de Economia e Subdiretor de Informação.

Pelo mesmo motivo, trabalhava também diretamente com a coordenadora e pivô do Jornal de Economia, Ana de Freitas. A princípio fiquei um pouco insegura, por se tratar de uma área que não dominava, mas com o tempo fui ganhando confiança e conhecimentos para trabalhar com um certo à-vontade. Nunca me passaria pela cabeça que as primeiras páginas *web* que eu abriria todos os dias de manhã seriam as do Jornal de Negócios e do Diário Económico! Mas assim foi, durante cerca de quatro meses.

Neste departamento, o meu horário seria das 12h às 20h, mas a realidade é que era sempre incerto. Foram muitas vezes a entrar mais cedo ou mais tarde e a sair mais tarde, conforme as necessidades e a actualidade. Como qualquer pessoa que se encontre em fase de aprendizagem, queria tirar o máximo proveito da experiência e nunca me recusei a fazer qualquer reportagem, independentemente dos horários.

Como todos os estagiários, foi-me sugerido que nos primeiros tempos acompanhasse jornalistas experientes para ter noção do que era uma saída em reportagem.

No primeiro dia, 25 de Fevereiro, acompanhei o Pedro Miguel Costa ao Aeroporto de Lisboa, onde o grupo Que se Lixe a Troika tinha marcado uma manifestação simbólica a propósito da chegada dos técnicos do Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia. Os manifestantes cantaram Grândola Vila Morena e o Pedro entrou em direto no Primeiro Jornal.

Quando íamos a caminho do local, ligaram da SIC a falar da possibilidade de sermos desviados para outro serviço porque tinha havido um acidente nas portagens com um camião. Foi aí que me apercebi realmente da instabilidade que se vive em televisão e no jornalismo em geral. Uma reportagem só é importante até que apareça outra mais importante... resultado da escassez de meios, que faz com que sejam necessárias cedências. Acabou por não se confirmar o desvio. Chegados à redação o jornalista pediu-me que escrevesse a minha peça, enquanto escrevia a sua e no final comparávamos. Fiquei preocupada porque a informática ainda não tinha criado os meus acessos ao programa de edição, portanto não conseguia aceder ao material... Fi-lo de cabeça, com o que me lembrava das entrevistas. No final o Pedro mostrou-me a sua peça e viu a minha, na qual fez algumas correcções e deu-me várias dicas e explicações.

No dia seguinte, acompanhei o Bernardo Ferrão ao SISAB - Salão Internacional do Setor Alimentar e Bebidas - a propósito da visita do secretário-geral do PS, António José Seguro e do Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho.

Quarta-feira acompanhei a Paula Castanho à BTL – Bolsa de Turismo de Lisboa – a propósito da visita do Ministro da Economia e do novo Secretário de Estado do Turismo. Neste mesmo dia houve uma enorme confusão na Faculdade de Direito a propósito da presença de Passos Coelho... O ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira “esquivou-se” a qualquer comentário ao assunto.

No dia seguinte, voltei a encontrar o ministro da Economia, bem como o Primeiro-Ministro, uma vez que acompanhei o Anselmo Crespo à Conferência comemorativa dos 25 anos da rádio TSF.

Sexta-feira tive a minha primeira saída “a solo”. Era véspera daquela que se pensava que viria a ser a maior manifestação a nível nacional e chegou a informação de que estariam a ser retiradas todas as pedras soltas das obras na rotunda do Marquês de Pombal, para prevenir arremessos durante o protesto. A coordenadora do Jornal da Noite, Marta Brito dos Reis, veio ter comigo e perguntou se queria ir até lá. Ainda que fosse algo aparentemente ‘insignificante’, uma vez que íamos mais pela recolha de imagens que de testemunhos, aceitei o desafio verdadeiramente entusiasmada. Saímos então eu e o repórter de imagem, Diogo Sentieiro, perto da hora de almoço. Quando lá chegámos não havia qualquer sinal de movimentação das pedras soltas e as próprias obras estavam paradas. Ligámos para a SIC de onde nos deram ordem para voltar. Um pouco desapontada com a ausência de notícia, retornei à redacção, onde mais tarde a Marta voltou a pedir-me que insistisse. Voltei novamente, agora com outro repórter de imagem, Fernando Almeida. O que observámos foi que as pedras não estariam a ser retiradas, mas sim vedadas, através da colocação de gradeamento. Fizemos a recolha de imagens e ainda que isso fosse o ponto fulcral, cumprindo aquele que eu achava ser meu dever enquanto jornalista (aprendiz) tentei chegar à fala com os responsáveis pela obra. Consegui falar um pouco, informalmente, com o responsável, ligado à Câmara Municipal de Lisboa, que começou a desconfiar da minha curiosidade e me perguntou de onde vinha. Evidentemente apresentei-me e expliquei-lhe o que estávamos ali a fazer, o empreiteiro ficou um pouco atrapalhado e afastou-me dizendo que não tinha autorização para falar. Regressámos então com o pouco que tínhamos e as imagens entraram numa peça que o jornalista Pedro Freitas estava a fazer sobre a antecipação da manifestação.

Neste dia acompanhei ainda um dos mais experientes jornalistas da estação na editoria de Política, o José Manuel Mestre à apresentação da candidatura de Marcos Sá à Câmara Municipal de Oeiras, com a presença de António José Seguro.

Depois deste longo dia, e apesar de ser fim-de-semana, não quis perder a oportunidade de acompanhar a emissão da manifestação ‘Que se lixe a troika! O povo é quem mais ordena!’ com 800 mil pessoas estimadas pela organização, só em Lisboa. Foi mais um dia que começou cedo e terminou tarde, mas que me deu o imenso prazer de

acompanhar desde o início até ao fim uma jornalista que bastante admiro, a Fernanda de Oliveira Ribeiro.

Ainda que já tivesse, durante a semana, tomado contacto com o funcionamento dos directos, foi aqui que os observei mais de perto e mais vezes. Fui sempre a sombra da jornalista e tive oportunidade de experimentar a escuta bem como de conhecer os carros de direto e os meios de transmissão.

Segunda-feira foi o dia em que fiz o meu primeiro *off*. Estava relacionado com as receitas do INEM e quando mo pediram, não sabia muito bem como fazê-lo. Rapidamente arranjaram alguém que me explicou tudo. Já sabia que era um pequeno texto, com o *lead* da notícia e um desenvolvimento muito curto e conciso, que seria lido pelo/a pivot, acompanhado de imagens. Apresentaram-me a notícia num jornal impresso, ocupava uma página. Pensei ‘como vou resumir isto em 3 frases?’. A tendência inicial, ligada à inexperiência é a de ‘querer dizer tudo’ e achar que é tudo muito importante... Analisei bem a informação e escrevi. Mostrei depois a uma jornalista experiente, que me explicou a estrutura certa que deveria ter e que me fez poucas alterações, dizendo que estava correto. Ensinou-me ainda onde posicionar a informação no sistema. Em seguida, a edição de imagens. Recebi algumas dicas para lidar com o Xpri, que só viria a dominar mais tarde com a prática, e aprendi também a aceder e pesquisar no arquivo – o Arkmedia. Por se tratar de um assunto do qual não tinham sido recolhidas imagens no momento, foi necessário aceder a imagens antigas para ilustrar a notícia. Por dia são feitos inúmeros *off's*, *th's* e peças que nunca chegam a ser emitidos, por falta de tempo, pertinência, entre outras razões. Encarei aquele primeiro pequeno trabalho como um treino e nem pensei que chegasse ‘ao ar’.

Em casa, já na segunda parte do *Jornal da Noite*, estava a jantar quando vejo que o Rodrigo Guedes de Carvalho começa a ler o meu texto.

Por pequeno que fosse, foi uma enorme satisfação ver algo meu a ser emitido, e logo à primeira vez.

No dia seguinte ao chegar à redação abri o alinhamento do JN e vi o meu nome, lembro-me de sentir ‘uma pontinha’ de realização. Era a primeira vez que Sandra Mota aparecia ligada à SIC. Este dia foi passado na Assembleia da República a acompanhar a Joana Nabais e o Anselmo Crespo, a propósito das reuniões com a troika. Mais uma vez assisti aos diretos, com vários repórteres de imagem e tive ainda oportunidade de conhecer o espaço reservado ao canal no Parlamento, uma vez que foi lá que foram escritas, gravadas e editadas as peças.

Quarta-feira entro na redação vinda do lanche e vem uma jornalista, Sónia Batista, ter comigo, a dizer que ia sair, já. Supostamente seria ela a sair, mas como estava a trabalhar na peça e um pouco atrasada, surgiu a oportunidade de substituí-la. Era para fazer uma entrevista na DECO, a propósito da suspeita de cartel no setor bancário... um tema dentro do qual não estava muito integrada. Imprimi o máximo de informação que consegui para ir lendo pelo caminho e conversei com a jornalista que supostamente iria para este serviço, que me explicou um pouco o tema e me ajudou também com as perguntas que seriam essenciais. Segui para as Olaias e a entrevista, curta, correu bem, apesar do nervosismo de quem segurava o microfone vermelho pela primeira vez. Chegada à redação passei a informação à jornalista que iria usá-la na peça que estava a fazer.

Seguiu-se uma folga e o início das madrugadas. A semana de madrugadas é algo por que todos os estagiários passam, pelo menos uma vez durante o estágio. Na grande maioria, acontece duas ou três vezes. No meu caso apenas uma, já que na véspera do início da minha segunda semana de madrugadas tive um acidente que me deixou em casa por uns dias e sem meio de transporte que me permitisse trabalhar durante a noite até ao final do estágio.

As madrugadas funcionam da meia-noite às seis da manhã e são asseguradas apenas pelo/a pivô, repórter de imagem e estagiário/a. Caso alguma coisa aconteça, será sempre o estagiário a ter que sair. De resto, todo o trabalho feito é para os jornais síntese da SIC Notícias, uma vez que a emissão é contínua. Ouvem-se as notícias da TSF de hora a hora, para saber se há algo de novo e recebem-se *feeds* das agências (LUSA, Reuters e APTN).

Os estagiários fazem apenas *off's* e *th's*. Como o próprio nome indica, os jornais são bastante curtos, pelo que raramente passam peças. Quando o fazem, são peças que estão prontas do Jornal da Noite ou das edições anteriores da SIC Notícias.

Trabalhei duas noites com o pivô Ricardo Borges de Carvalho, passando depois as restantes com a jornalista Patrícia Carvalho. No total, foram 35 *off's* (textos lidos pelo pivô, acompanhados de imagens), 4 *th's* (chamados *talking heads*, são pequenos excertos de um discurso) e 1 direto ao telefone dos açores (devido a uma derrocada causada pelas fortes chuvadas).

Depois das folgas, é altura de regressar à *pool* do *Jornal da Noite*. Dia 19 foi-me proposto que saísse sozinha, à noite, para uma conferência da SEDES intitulada 'Que política macroeconómica depois do Programa' com o Governador do Banco de

Portugal. Evidentemente respondi com entusiasmo e satisfação pela confiança que pareciam começar a depositar em mim. Infelizmente a saída não correu pelo melhor... e ainda que a ‘culpa’ não tenha sido minha, acabei por ver o meu trabalho prejudicado. Chegados à redação o repórter de imagem informa-me que perdeu um dos dois discos. Mais grave, o primeiro. Aquele que continha quase toda a conferência. Como o Governador se recusou a prestar declarações no final, a conferência era tudo o que tínhamos. Ou seja, foi logo eliminada a hipótese de fazer uma peça. Falei com o coordenador das edições da noite que me encaminhou para uma jornalista experiente, a Ana Geraldês, que me iria ajudar. Em conjunto analisámos o material que tinha trazido, todo o discurso, *time-codes* e aquilo que eu achava de salientar. A jornalista concordou comigo e como uma das partes importantes estava perdida, tirámos um *th* de outra. Mais tarde vimos que também a LUSA tinha destacado o mesmo. Ficou combinado que na passagem de serviço seria descrito este incidente, de forma a dar conhecimento às chefias. Aparentemente a informação não chegou ao meu editor, que no dia seguinte nos chamou a todos (eu, repórter de imagem e coordenador dos repórteres) para que explicássemos o sucedido. Bastante preocupada, pensei “e logo na minha primeira saída ‘a sério’...”. Contrariamente ao que esperava, o editor foi bastante compreensivo e não houve qualquer espécie de represálias. São coisas que acontecem.

No dia seguinte, voltei a ter uma marcação. Uma saída para a apresentação de *Exit Talks* – Exportações, com Alexandre Soares dos Santos. Como viria a acontecer várias vezes, a saída acabou por se revelar pouco produtiva, com fraco conteúdo. Ainda no carro, a caminho da redação, recebo uma chamada. Era a pivô do *Jornal da Meia-Noite*, Marisa Antunes, a perguntar se eu estaria disponível para ir fazer um serviço, ligado à editoria de sociedade, que lhe tinham sugerido o meu nome na redação. Disse que teria que discutir com o meu editor quando chegasse, se estaria ocupada a fazer peça da saída da tarde, mas que à partida poderia contar comigo.

Cheguei, fui ter com o José Gomes Ferreira e ele concordou comigo, o serviço não valeria peça e incentivou-me a passar para o próximo. Fui então conversar com a Marisa, que me encaminhou para a editora de Sociedade, Isabel Horta, que me iria explicar qual o serviço. Fiquei pois a saber que estava em causa o encerramento do Instituto de Odivelas e a fusão de três instituições de cariz militar – Instituto de Odivelas, Pupilos do Exército e Colégio Militar. Por isso, os pais das meninas do colégio em Odivelas tinham marcado uma vigília como forma de protesto. Fiquei entusiasmada porque era um serviço diferente daquilo a que estava habituada... não era

uma conferência com figuras ilustres da qual deveria tomar notas ou abordar questões político-económicas com os convidados. Era o tipo de serviço que me levava para junto do cidadão-comum para conhecer as suas preocupações.

No local, senti-me ‘como peixe na água’. Não precisei de muita investigação e de perguntas pré-feitas em blocos... as questões fluíam facilmente e a interação era simples. Entrevistei os presidentes da associação de pais do Instituto de Odivelas e do Colégio Militar, o Presidente da Câmara de Odivelas, alguns pais, antigas e atuais alunas do Instituto. Como era um assunto que já tinha sido trabalhado por outra jornalista da editoria de Sociedade e como a editora me tinha dito ‘vais lá, fazes uns bonecos, vêes o que é que os pais dizem e está feito’ pensei que tinha ido eu só mesmo pelo avançado da hora e por não haver jornalistas disponíveis a essa hora, mas que passaria depois o material à jornalista no dia seguinte. Quando cheguei à redação perguntam-me que tal correu e que material tenho e pedem-me que faça peça, o que ainda nunca tinha feito.

Como pensava que não ia ser eu a fazer isso, ainda nem tinha uma estrutura pensada... mas pensei ‘Eu consigo, sem problemas. Estive lá e sei tudo o que preciso’.

Fui então rever o material e começar a escrever. Depois um jornalista experiente, Nuno Graça Dias, ajudou-me na revisão do texto e na edição da peça, uma vez que eu era ainda bastante inexperiente. Com imensa paciência, melhorou-me a peça e ensinou-me muito. Foi um dia que acabou já às três da manhã... com cansaço extremo, mas com a sensação de dever cumprido. Sempre preferi muitas horas, com trabalho, a poucas sem nada que fazer.

E com as muito bem conseguidas imagens do repórter de imagem Manuel Chaves (na minha opinião, um dos melhores, se não o melhor), o jogo de palavras do Nuno e o meu trabalho em terreno, acabei por ficar muito satisfeita com o resultado final, que penso ter sido bastante positivo. Prova disso é que passou várias vezes, nos jornais síntese da madrugada, nas edições da manhã da SIC Notícias e ainda no *Primeiro Jornal*. Foi também inserida no site do canal(v. Anexo 1, p.201 e <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2013/03/21/alunas-e-pais-do-instituto-de-odivelas-fizeram-vigilia-de-protesto-contramudanca-de-instalacoes-da-instituicao>).

Quinta-feira foi um dia passado na redação, uma vez que eram poucos os serviços. Ainda assim, a minha vontade de trabalhar, aprender e treinar não me deixava estar parada, pelo que me dirigi à coordenadora da tarde da SIC Notícias, Susana

Bastos, para saber se havia algo que pudesse fazer, uma vez que não podia ser útil na minha editoria. Fiquei encarregada de fazer alguns *off's*.

No dia seguinte, como não tinha marcações pedi para acompanhar um jornalista. Fui com o Pedro Miguel Costa à manifestação de reformados e pensionistas organizada pela CGTP e logo de seguida dirigimo-nos para o Centro de Congressos para tentar ‘apanhar’ o Ministro da Educação (Nuno Crato), a propósito de uns problemas com a Fenprof. Chegámos à redação já ‘em cima’ do *Jornal da Noite*.

Na terça-feira fiz a minha primeira peça de internacional, com um *feed* da *Reuters*. A peça era sobre o investimento cada vez mais comum em carros antigos por parte dos investidores anglo-saxónicos. Foi aqui que aprendi que podia usar música nas peças e que muitas vezes estas tinham que seguir para a legendagem. A peça entrou no *Jornal da Noite* e teve destaque no facebook e no site da SIC Notícias (v. Anexo 2, p. 203 e <http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2013/03/26/investidores-apostam-na-compra-de-carros-antigos>). Conteí com a ajuda de uma colega da editoria, que viria a ser uma espécie de mentora durante todo o meu percurso, a Inês Cândido. Sempre que podia, era ela a responsável pela revisão e sonorização das minhas peças. Era também a ela que recorria sempre que tinha alguma dúvida em reportagem e até no funcionamento da redação.

Quarta-feira saí para a entrega dos prémios Liderança Sustentável da revista Exame e entrevistei o vencedor, um banqueiro, para saber entre outras coisas qual a sua opinião sobre a polémica que existia no Chipre e fiz uma peça que passou na SIC Notícias (v. Anexo 3, p. 205).

No dia a seguir, acompanhei a reunião da CGTP com a Confederação Empresarial de Portugal onde foi discutida a possibilidade do aumento do salário mínimo nacional, sendo que tirei depois 3 *th's* para o *Jornal de Economia* e fiz peça para o *Jornal da Noite*.<sup>2</sup>

O mês de Abril começou com um serviço semelhante, uma reunião da UGT com a Confederação do Comércio Português. Daqui resultaram *th's* para o *Jornal de Economia* e ainda outro para o *Jornal da Noite*.

Dia 2 fui até ao Instituto Superior de Gestão para entrevistar o economista João Duque, daí resultou um *off*, um *th* para o *Jornal da Noite* e foi ainda integrado um excerto da entrevista numa peça que estava a ser feita.

---

<sup>2</sup> Por não ter sido emitida, uma vez que por questões de tempo e pertinência caiu do alinhamento na hora do *Jornal da Noite*, a peça não foi arquivada e como tal não consta dos anexos deste trabalho.

Quarta-feira foi dia de encontro Deutsche Bank e Expresso, com a presença de Vítor Bento e Alexandre Soares dos Santos. Como ambos se escusaram a falar à comunicação social, acabou por ser tirado apenas um *th* para a edição da noite da SIC Notícias.

Dia 4 fui chamada à sala de reuniões. Estranhei, mas fui saber o que se passava. Era o diretor Alcides Vieira que tinha um pedido a fazer-me. Nessa noite decorria a abertura do ano tauromáquico no Campo Pequeno e já estava previsto um protesto da Associação Animal. A ideia era fazer uma peça com estrutura A-B-A-B <sup>3</sup>, sempre contrapondo os aficcionados e os defensores dos animais. Para isso teria que fazer reportagem dentro e fora da praça de touros. Mais uma vez, algo diferente. Fui novamente com o repórter de imagem Manuel Chaves, o que me permitiu ter uma enorme riqueza de imagens e deu hipótese de jogar também com os sons na construção da peça, que começava com o som da corneta antes da entrada em arena.

Entrevistei a porta-voz da “Animal” e alguns membros do protesto cá fora, lá dentro falei com alguns aficcionados, um dos forcados e com o diretor de atividades tauromáquicas do Campo Pequeno. Tive vários colegas a dizer que não conseguiriam fazer este serviço... Eu encarei-o como outro qualquer e fui o mais isenta possível, tratando de igual forma o forcado ou o defensor dos direitos dos animais. Foi outro dia bem longo, que se arrastou até cerca das 4h e meia da manhã. Poderia ter deixado a reportagem para fazer na manhã seguinte, mas preferia fazê-lo enquanto tinha tudo bem fresco, com o sossego da redação durante a madrugada, para depois sim seguir para casa com o trabalho pronto a entrar para o ar. Contei com a ajuda de um colega da editoria de Desporto, Hélder Santos, que tinha ficado até mais tarde e me ajudou na sonorização e edição da reportagem. A peça passou na SIC Notícias várias vezes, durante a madrugada ainda e manhã e entrou no Primeiro Jornal do dia seguinte, com promo (v. Anexo 4, p. 206).

Terça-feira fiz alguns *off's* para o *Jornal de Economia* antes de sair para uma conferência acerca do sistema bancário, com a presença de Faria de Oliveira e Henrique Granadeiro. Era uma daquelas saídas às quais íamos apenas pelas pessoas presentes, para abordar temas da actualidade. Um dos convidados faltou e o outro falou aos jornalistas logo que chegou. Liguei ao editor para lhe passar estas informações e autorizou-me a regressar à redação. Ainda no local toca o meu telemóvel. Era a Marta

---

<sup>3</sup> Peça que contém dois pontos de vista e/ou situações muito diferentes, intercalando o relevo que é dado a um ponto e a outro.

Reis, coordenadora do *Jornal da Noite*. O PCP iria apresentar no dia seguinte no Parlamento um documento que definia o estatuto de guarda-noturno e íamos fazer uma reportagem para conhecer o trabalho destes profissionais. Hoje. Queria saber se eu podia fazê-la. Respondi prontamente que sim. Só mais tarde me lembrei que estava a trabalhar desde as 11h da manhã e que com este trabalho seria mais um dia para durar... ainda assim, não queria deixar passar a oportunidade de fazer mais uma vez algo ‘engraçado’. E não pude deixar de me sentir lisonguada por me escolherem para o trabalho, uma vez que o normal seria que fosse o estagiário da madrugada a fazê-lo.

Voltei à redação onde fiz pesquisa sobre o assunto, preparei a saída e fiz uma pausa para jantar e sair um pouco da SIC. Às onze e meia da noite estava de volta, à meia-noite estava marcado o encontro com o guarda-noturno que iríamos acompanhar na sua ronda.

Ia já com várias ideias do que queria e fui ainda beneficiada com um repórter de imagem experiente, o Manuel Ferreira, que me dava algumas sugestões e dicas, resultando num trabalho de equipa. Chegada à redação tive aquilo já deve ter acontecido a qualquer jornalista – um bloqueio. Não conseguia escrever nada que me parecesse bem. Sentia um “nó no cérebro”. Para piorar, por ser muito tarde, na redação estava apenas a equipa da madrugada, só a estagiária e a pivô que estava ocupada. Estava exausta mas não conseguia ir-me embora sem ter, pelo menos, a peça ‘alinhavada’ para montar na manhã seguinte. Horas depois, lá consegui estruturar a peça e arranjar quem a revisse, já da equipa da manhã... Este bloqueio valeu-me a noite de sono. Quando saí da SIC eram 6h30 da manhã, às 8h e pouco tinha que estar de volta para editar a peça, o que resultou numa breve ida a casa, para um banho e trocar de roupa. Com muito café, parti para a edição. Como queria que ficasse perfeita marquei com um dos editores, Gonçalo Freitas. A peça entrou no *Primeiro Jornal* desse dia e teve direito a promo (v. Anexo 5, p. 207).

De certa forma, felizmente nesse dia não tinha nenhum serviço marcado e fiz apenas uns *off's* para o *Jornal de Economia*.

No dia seguinte fui sozinha para a Assembleia da República, o que eu senti como sendo uma grande responsabilidade. Fui assistir a uma audição acerca das parcerias público-privadas, onde seria ouvido o António Mexia. Daqui resultou apenas um *th*, até porque a pessoa em questão se recusou a falar à saída. Antes da saída tinha já contribuído para o *Jornal de Economia*, com alguns *off's*, como viria a fazer também no dia seguinte.

Domingo ao final do dia toca o telemóvel, era o meu editor que estava a fazer as marcações para segunda-feira e queria saber se podia fazer uma reportagem sobre a descida dos combustíveis, logo às 9h da manhã.

Assim sendo, segunda fiz peça para o *Primeiro Jornal* e dei uns retoques para o *Jornal da Noite* (v. Anexo 6, p. 209), mais uns *off's* para o *Jornal de Economia*.

Para dia 16 tinha já marcado um serviço logo de manhã, a iniciativa Dia sem Sapatos no Largo de Camões. Segui para lá com o repórter de imagem, Rogério Esteves, mas não se passava nada. Liguei para o contacto que tinha, da organização e disseram-me que estavam a caminho. Esperámos, mas quando chegaram disseram-nos que o ponto alto seria à tarde, com a comparência de mais estudantes. Ligámos para o coordenador do *Primeiro Jornal* a explicar a situação, foi-nos dito que regressássemos à redação. Um pouco aborrecida com o sucedido, não desisti da reportagem e à tarde lá regressámos. Agora com outro repórter de imagem, Jorge Guerreiro. Chegámos à redação já em cima da hora do *Jornal da Noite* e senti bem a pressão do tempo, enquanto terminava de montar a peça e ouvia gritar da outra ponta da redação ‘Sandraaaaaaaaaaaaaaaaa, quanto tempo?! Faltam 2 peças!’. Felizmente tudo correu pelo melhor e apesar do stress a peça entrou a tempo (v. Anexo 7, p. 211 e <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2013/04/16/cerca-de-30-jovens-passaram-o-dia-descalcos-numa-acao-de-sensibilizacao-em-lisboa>) e ainda recebi um elogio da coordenadora. Durante a tarde tinha também colaborado com o *Jornal de Economia*, como habitual.

Quarta foi dia de conferência de imprensa da UGT com o João Proença e fiz 2 *off's* e 1 *th* para o *Jornal de Economia*.

No dia seguinte fui até ao Instituto Nacional de Estatística para a apresentação dos resultados da economia social. Mais uma vez, fomos apenas pela presença de um dos convidados, o Secretário de Estado da Solidariedade e Segurança Social, que se recusou a falar connosco no final. Ainda assim tirei um *th* da sua participação para as edições da tarde da SIC Notícias e fiz alguns *off's* para o *Jornal de Economia*.

Durante o estágio, apesar de estar ligada a uma área um pouco restrita, incentivaram-me a dar algumas sugestões de reportagem. Surgiu-me uma ideia, analisar março deste ano *versus* março do ano anterior, uma vez que este tinha sido o mais chuvoso das últimas décadas, e perceber como é que tinham sido afectados os negócios que vivem precisamente do bom tempo. A minha ideia original seriam os bares de praia, mas fui encaminhada para a reunião de fim-de-semana e aqui a ideia foi um pouco reformulada, partindo para as esplanadas da cidade e ainda para as vendas de roupa da

nova coleção. Assim, sexta-feira, saí da equipa de economia e fiz parte da equipa de fim-de-semana. Falei com vários comerciantes, donos de esplanadas e cidadãos-comuns, um pouco por toda a cidade. Como havia um colega de estágio, o Hélder Correia, que estava a trabalhar para o fim-de-semana numa reportagem gastronómica e precisava também de esplanadas e restaurantes, juntou-se a mim e fomos os três, nós e o repórter de imagem.

Aqui pude experienciar como era trabalhar sem a pressão do tempo, sem aquela sensação ‘é para o próximo jornal, é para já’, uma vez que a peça seria apenas para o dia seguinte. Assim, marquei a edição para as dez da noite. Peça pronta, ainda acompanhei o Hélder Correia até Santos, numa reportagem que estava a fazer sobre os jovens e o álcool, uma vez que precisava levar uma câmara oculta e eu surgiu como opção para a levar numa mala. A minha reportagem foi emitida nesse sábado, no *Primeiro Jornal* (v. Anexo 8 , p. 213).

No início da semana seguinte fiz apenas *off's* e *th's* para o *Jornal de Economia*. Quarta-feira, 24 de Abril, tinha saídas marcadas mas a caminho da redação sofri um acidente que me levou ao hospital, pelo que tive que ser substituída e ficar em casa em recuperação.

A partir daqui vi o meu percurso mais complicado... Por viver longe do local de trabalho, sem meio de transporte próprio era muito complicado lá chegar. Foi aqui que comecei a passar seis horas por dia em transportes, o que me provocou um maior desgaste, tanto a nível físico como psicológico.

Na segunda-feira, ainda com algumas mazelas mas já recuperada decidi que estava na altura de voltar ao trabalho e assim foi. Tive logo uma marcação para acompanhar a assinatura de um acordo de boas práticas comerciais entre a Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição e a Confederação de Agricultores de Portugal. Sobre o tema fiz uma peça para o *Jornal da Noite* e tirei também um *th* para o *Jornal de Economia*.<sup>4</sup>

No dia seguinte viria a fazer pela primeira vez aquilo que menos gostei de fazer durante todo o estágio – *fillings* da Assembleia da República. Isto é, receber em tempo real, a audição de uma comissão de inquérito e ir tomando nota de tudo o que é dito e dos *time-codes*, por assim dizer, uma transcrição que dura várias horas e tem vários intervenientes. Neste caso, era o Ministro da Economia (na altura Álvaro Santos

---

<sup>4</sup> Por não ter sido emitida, uma vez que por questões de tempo e pertinência caiu do alinhamento na hora do *Jornal da Noite*, a peça não foi arquivada e como tal não consta dos anexos deste trabalho.

Pereira) a ser ouvido. Foi uma tarde inteira de auscultadores nos ouvidos e com alguma dificuldade em acompanhar, uma vez que nunca o tinha feito. Mais uma vez, contei com a ajuda da Inês Cândido que me ensinou tudo o que era necessário.

Tirei vários *th's* para a SIC Notícias, fiz um *off* para o *Jornal de Economia* e passei algumas partes para outras peças que estavam a ser feitas, como a da Carla Rodrigues e do José Manuel Mestre.

Para começar o mês de Maio, surgiu um desafio, que me deu imenso prazer e me permitiu mostrar polivalência. Da Economia, passei, por um dia, para... o Desporto.

Era dia de um jogo importante entre o Benfica e o Fenerbahçe e por isso a editoria de Desporto estava com imenso trabalho. O meu editor 'emprestou-me', uma vez que era mais necessária lá do que na Economia nesse dia. Depois de dar 'uma mãozinha' no *Jornal de Economia* com alguns *off's*, fui então para a Baixa Lisboa entrevistar os adeptos do clube estrangeiro, em clima de festa antecipada.

Era a chamada peça 'de ambiente', na qual as imagens falavam por si. Ainda assim, serviu para testar um pouco os meus conhecimentos futebolísticos e treinar o inglês, a entrevistar turcos. A peça passou no *Jornal da Noite* desse dia, muito curtinho, precisamente porque teríamos a emissão do jogo (v. Anexo 9, p.215).

No dia a seguir, voltei ao meu lugar e à participação no *Jornal de Economia*. Segunda-feira tive uma saída que acabou por não resultar. Chegara-nos através da LUSA a informação de que estariam afixadas faixas na Cidade Universitária e de que haveria alunos em protesto. Fomos até lá, investiguei nas faculdades, falei com as associações e não se passava nada. De volta à redação ainda fiz alguns *off's* e *th's* para o *Jornal de Economia*.

Dia 7, por não ter nenhuma reportagem agendada nem trabalho na redação, apenas um *off* para o *Jornal de Economia* que preparei antes de sair, pedi para acompanhar a Inês Cândido até ao Ministério das Finanças. Era aguardada a chegada dos representantes da troika e mais tarde, no mesmo local, a secretária de estado do tesouro, Maria Luís Albuquerque daria uma conferência de imprensa acerca da primeira emissão de títulos da dívida portuguesa e do regresso de Portugal aos mercados. Mais uma vez pude acompanhar o funcionamento dos diretos e até treiná-los, em tom de brincadeira. Enquanto esperávamos à porta do Ministério a jornalista incentivou-me a experimentar e treinar, pelo que passei algum tempo em frente à câmara, apenas em testes e tentando manter um discurso fluente naquela que seria a duração mínima de um

direto. Foi divertido e preocupante ao mesmo tempo. Se por um lado estava a achar imensa piada, por outro apercebi-me do quão difícil aquilo realmente era.

Requer, de facto, concentração máxima.

No dia seguinte fui confrontada com novos dados da Organização Internacional do Trabalho sobre o desemprego jovem e foi-me pedida uma reportagem sobre o assunto. Era já meio-dia quando saí da redacção, pelo que seria complicado tê-la pronta a tempo do *Primeiro Jornal*. Ainda assim, não era impossível, caso tivéssemos tido sorte com os locais de entrevista e os entrevistados. Nos primeiros dois locais conseguimos falar apenas com um estudante, pelo que sugeri que fôssemos para a Cidade Universitária, a meu ver o local mais indicado tendo em conta o que procurávamos. Ficou então decidido que seria para o *Jornal da Noite* e seguimos então para a zona das universidades. Aquilo que à partida eu pensava ser básico, um *vox-pop*, acabou por se revelar uma tarefa nada fácil uma vez que muitos não queriam falar connosco. Tinham vergonha, estavam atrasados para as aulas, iam almoçar, não sabiam o que dizer... Os argumentos foram mais que muitos.

Quando pensámos ter material suficiente voltámos para a SIC e fiz peça para o *Jornal da Noite*, que acabou por passar antes na SIC Notícias (v. Anexo 10, p.217).

Na quinta-feira tinha uma saída agendada, a apresentação dos resultados trimestrais do banco Santander Totta, mas foi anulada por falta de repórter de imagem. Assim, na redacção, trabalhei em *off's* para o *Jornal de Economia* e para o *Jornal da Noite*.

A semana terminou atribulada. Fiquei encarregue de uma reportagem que estava marcada para outra jornalista, uma concentração de reformados e pensionistas frente ao Ministério da Solidariedade e da Segurança Social contra os cortes nas pensões. Eram poucos, mas com o avançar do tempo foram chegando mais. Fiz várias entrevistas, mas não houve 'aquela' pessoa em particular que me entusiasmasse e desse uma entrevista muito boa. No final, foi entregue um documento no ministério, com as reclamações dos mais velhos ali presentes. Ninguém da Comunicação Social assistiu à entrega, nem foi ao Ministério. Uma das protestantes disse-me que não havia lá ninguém para os receber e que o documento não tinha sido aceite. Segui para a redacção onde fiz a peça. Foi das primeiras no alinhamento, pelo que ainda lá estava quando passou. De repente surge a Ana Luísa Galvão, da agenda, furiosa à minha procura.

Tinha ligado o assessor do ministro, extremamente irritado e a exigir um desmentido porque aquela informação era falsa. Fruto da inexperiência, nem me lembrei de

confirmar a informação com uma fonte fidedigna. Ainda não tinha aquele hábito de recorrer aos assessores para esclarecer dúvidas e confirmar dados. Acontece que tinha recebido informação errada. Os manifestantes tinham sido recebidos por dois assessores do ministro, que ficaram com o documento e havia disponibilidade para uma reunião, que os protestantes recusaram. Fiquei em pânico, a pensar que tinha feito a maior asneira de sempre. Mais uma vez, foi a Inês Cândido que me prestou uma preciosa ajuda. Chamámos o editor para que eu pudesse explicar o que tinha acontecido e resolver a situação. Quando dei por isso estava a explicar-me ao subdiretor e ao diretor de informação, à espera de ser severamente repreendida. Mas não. Decidiu-se de imediato que aquela peça não poderia voltar a passar e que teria que ser refeita com as novas informações. Passaria também, não um desmentido, mas uma correcção no *Jornal da Noite*. Com a ajuda do José Gomes Ferreira, do Alcides Vieira e da Inês Cândido escrevemos a texto necessário, que enviei para a coordenadora do *Jornal da Noite* com um pedido de desculpas. Mais tarde o reparo foi lido pela Clara de Sousa entre notícias. Ligámos então para o assessor, para esclarecer tudo e entre mim e a Inês, a nova peça ficou pronta num instante (v. Anexo 11, p. 219). Mais tarde, em casa, ao aceder ao site vi que estava lá a peça errada. Não era de todo suposto porque deveria ter sido eliminada do sistema. Liguei para lá a alertar o *online* e foi corrigida a situação. Foi sem dúvida um dos momentos mais “stressantes” do estágio e pensei que depois disto não voltaria a sair da redação em reportagem, mas também é verdade que foi com os erros que mais aprendi e foi com eles que me fui tornando uma melhor jornalista.

Depois do fim-de-semana, chego ao trabalho e recebo uma mensagem do editor ‘podes ir ao palácio de belém à tarde?’. Respirei de alívio, afinal ainda confiavam no meu trabalho. Abri o *planning* e vejo ‘Cavaco recebe CCP – 15h30 - Palácio de Belém – Jornalista Sandra Mota - RI Jorge Ramalho – Directo – Marcado por JGF’ ‘Directo?!’ pensei eu. Tem de estar errado. Na altura eu só conhecia o directo habitual, em que o jornalista entra em directo e faz a descrição dos acontecimentos, com entrevista ou não. Aprendi aí que é possível apenas ‘picar’ e entrar em directo com declarações, ou ter a informação em entrar no sistema da SIC por *filling*, em tempo real. Diretos destes, viriam a aparecer várias vezes associados ao meu nome. O que gerava situações engraçadas em que mais tarde me vinham perguntar ‘fizeste o primeiro direto?! vi o teu nome no *planning*’. Algo à partida impossível de acontecer, uma vez que os estagiários não estão autorizados a ‘aparecer’. Mas a confusão surgia várias vezes dos repórteres de imagem, que por me verem trabalhar tanto quanto qualquer

jornalista da casa, assumiam que já teria sido contratada e que deixara de ser estagiária. Não era o o caso. Os meus ‘directos’ serviam apenas de prevenção... Se o Presidente da República falasse, tínhamos lá os meios. Contudo, era já previsível que não o fizesse, daí a SIC ser a única televisão presente e ter enviado uma estagiária. Ainda assim recolhemos declarações do Presidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, que foram usadas apenas para um *th* no Jornal de Economia.

No dia 14, tinha duas saídas agendadas e nenhuma se concretizou, por falta de repórter de imagem. Foi nesta altura que, por brincadeira, me tornei conhecida como ‘a sindicalista’, uma vez que acompanhei várias reuniões de sindicatos e confederações. Quarta segui a reunião da Confederação Empresarial de Portugal (CIP) com a União Geral de Trabalhadores (UGT), sobre a qual tirei 2 *th*'s para as edições da manhã da SIC Notícias.

No dia seguinte voltei a acompanhar uma reunião da UGT, desta feita com a Confederação de Agricultores (CAP), tirando depois um *th* para o *Primeiro Jornal*. Nesse mesmo dia, à tarde, tive outra saída, para fazer uma reportagem sobre o fecho de uma das fábricas da Unilever em Sacavém. Fiz peça para o *Jornal da Noite* e que passou também na SIC Notícias (v. Anexo 12, p. 221).

Para terminar a semana atribuíram-me uma reportagem sobre o projeto Energia de Portugal, um programa que apoia jovens empreendedores. Teria que entrevistar o António Mexia, da EDP (parceira do projeto) e o Francisco Pinto Balsemão, do grupo IMPRESA. Senti uma certa responsabilidade e receio de fazer ‘asneira’, uma vez que era a figura maior do grupo no qual estava inserida. A reportagem decorreu no edifício que alberga várias publicações do grupo (Expresso, Activa, Exame, entre outras) e foi feita peça para o *Jornal da Noite* (v. Anexo 13, p.223 e <http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2013/05/17/comecou-a-2-edicao-a-energia-portugal-um-projeto-que-apoia-jovens-empresarios>). Neste dia, antes de sair em reportagem tinha já feito *off*'s para os Jornais de Economia e da Noite.

Na segunda-feira fiquei responsável pela entrevista ao presidente da Bolsa de Lisboa, Luís Laginha de Sousa, para uma espécie de antevisão de uma conferência que haveria na quarta-feira. A entrevista decorreu nas instalações da *Euronext Lisbon* e fiz peça para o *Jornal da Noite*.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Por não ter sido emitida, uma vez que por questões de tempo e pertinência caiu do alinhamento na hora do *Jornal da Noite*, a peça não foi arquivada e como tal não consta dos anexos deste trabalho.

No dia seguinte fui até ao Ministério da Agricultura, onde a ministra anunciou que já era possível exportar leite português para a China. Sobre o assunto fiz um *off e th* para o *Primeiro Jornal* e peça para o *Jornal da Noite* (v. Anexo 14, p. 224) . À parte fiz ainda mais um *off* para o *Jornal da Noite*.

Quarta acompanhei então a conferência acima referida, VIA BOLSA, que contou com a presença do ministro da Economia e foi feita peça para o *Jornal da Noite*<sup>6</sup>.

Já quinta foi um dia menos produtivo, não por não ter saídas mas por se revelarem fracas em termos de conteúdo. Da saída para o almoço-debate do *American Club of Lisbon*, tendo o presidente do Banco Espírito Santo Ricardo Salgado como convidado, tirei apenas um *th* para o *Jornal de Economia*.

A semana terminou com mais uma ida à sede da UGT onde esta reunia o secretariado nacional. De regresso à redação tirei um *th* para as edições da tarde da SIC Notícias e fiz peça para a noite (v. Anexo 15, p. 226).

Na segunda voltei a acompanhar mais um almoço-debate do *American Club of Lisbon*, desta feita com António Mexia da EDP como convidado.

Como tinha sido revelado um relatório do Eurostat que mostrava Portugal como um dos países onde os preços mais tinham subido, António Mexia viu-se obrigado a abordar o tema. Tirei um *th* para o *Jornal de Economia* e fiz peça para o *Jornal da Noite* (v. Anexo 16, p.228).

Na terça-feira não saí da redação e acompanhei a audição do Conselho Económico e Social na Assembleia da República.

Um trabalho cansativo, pois como já expliquei acima implica a transcrição de toda a audição e que acabou por ‘não dar em nada’.

No dia seguinte comecei por tirar alguns *th's* do Durão Barroso e do Olli Rehn, tendo depois uma saída à tarde. No Ministério da Agricultura Assunção Cristas apresentou o projeto Bolsa de Terras (disponibiliza terras inutilizadas, do Estado e Privados, a quem as queiras cultivar) , o que deu lugar a uma peça para o *Jornal da Noite*.<sup>7</sup>

Já quinta-feira saí em reportagem apenas à noite, para a gala Acredita Portugal que premeia a inovação e o empreendedorismo em vários projetos. Foi feita peça para o Primeiro Jornal do dia seguinte mas acabou por passar mais tarde nesse mesmo dia na

---

<sup>6</sup> Situação idêntica à anterior nota de rodapé.

<sup>7</sup> Situação idêntica à anterior nota de rodapé.

SIC Notícias (v. Anexo 17, p.230 e <http://sicnoticias.sapo.pt/economia/2013/05/31/inscricoes-na-iniciativa-acredita-portugal-subiram-de-700-na-1-edicao-para-6.500-este-ano>). Como não houve espaço no alinhamento do jornal da uma da tarde, a peça caiu... e como não a queria ver inutilizada enviei-a à coordenadora da tarde do canal informativo.

Dia 3 de Junho trabalhei para o *Jornal de Economia*, com 4 *off's* feitos. Ao final do dia saí para o Ministério da Economia, onde o ministro recebia a CGTP. Fomos com meios de directo, caso se justificasse estaríamos prontos a entrar com os testemunhos de Álvaro Santos Pereira e/ou de Arménio Carlos. Ao voltar à redação fiz um *off* que colou com *th* do Arménio Carlos, líder da central sindical.

Nos dois dias que se seguiram não saí em reportagem e trabalhei em exclusivo para o *Jornal de Economia*, com vários *off's*, *th's* e cortei ainda uma entrevista em inglês longa para que ficasse com uma versão curta.

Na quinta-feira saí em reportagem para a apresentação do novo terminal do porto de Lisboa. Como estava presente o secretário de estado dos transportes, aproveitámos também para abordar a polémica dos contratos *swap*. Como resultado tirámos 3 *th's* logo para a tarde da SIC Notícias e fiz peça para o *Jornal da Noite*.<sup>8</sup> Recebi ainda um elogio, quando assistiram à minha prestação no local - tinha feito uma boa entrevista.

No último dia da semana fiz alguns *off's* e ainda uma peça<sup>9</sup>, com material que ia entrando em direto no sistema, de uma conferência na qual participavam o ministro das Finanças Vítor Gaspar e Álvaro Santos Pereira, ministro da Economia.

Dia 11 acompanhei a apresentação de contas das Estradas de Portugal e fiz peça sobre o tema.<sup>10</sup> Antes disso tinha também já feito 2 *off's* e uma peça sobre as contas da Comboios de Portugal (v. Anexo 18, p. 232).

Na quarta-feira trabalhei na redação, fazendo *off's* e *th's* e apesar de quinta ser o feriado da cidade, com a redação a funcionar 'a meio gás', fui trabalhar para o *Jornal de Economia*.

A semana terminou com um dia longo, ao invés de entrar às 12h entrei logo às 9h para acompanhar uma reunião de Álvaro Santos Pereira com empresários no Ministério da Economia. Com este material fiz apenas *off* e *th* para o *Jornal de*

---

<sup>8</sup> Por não ter sido emitida, uma vez que por questões de tempo e pertinência caiu do alinhamento na hora do *Jornal da Noite*, a peça não foi arquivada e como tal não consta dos anexos deste trabalho.

<sup>9</sup> Situação idêntica à anterior nota de rodapé.

<sup>10</sup> Situação idêntica à anterior nota de rodapé.

*Economia*. Mais tarde perguntaram-me se podia ir fazer reportagem ao final do dia, sobre um tema que já havia acompanhado, curiosamente a minha primeira peça, sobre o encerramento do Instituto de Odivelas. Respondi afirmativamente e acompanhei então uma marcha até ao Ministério da Defesa, onde foram depositadas rosas numa tentativa de demover o ministro do encerramento do colégio feminino de cariz militar. Como era um tema que já tinha trabalhado tive mais facilidade. De volta à redação fiz peça para a noite da SIC Notícias e passou também no *Primeiro Jornal* de sábado (v. Anexo 19, p.233 e <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2013/06/15/alunas-e-ex-alunas-do-instituto-de-odivelas-marcharam-contra-a-decisao-do-ministerio-da-defesa>).

Na segunda-feira foram divulgados dados do Instituto Nacional de Estatística que revelavam um decréscimo populacional no país. Fiquei encarregue de fazer uma peça sobre o assunto para o *Jornal da Noite*. Para tal, tive também que fazer trabalho de produção, isto é, contactos. Para tornar a peça mais ‘rica’ decidi entrevistar um economista e um demógrafo para que comentassem estes dados (v. Anexo 20, p. 235).

No dia seguinte fiz um *off* para o *Primeiro Jornal* e à tarde acompanhei uma conferência de imprensa do Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos, que serviu para anunciar a sua adesão à greve geral e também comentar a polémica com as multas sobre o imposto único de circulação automóvel. De regresso fiz um *off* para a tarde e uma peça para o *Jornal da Noite* (v. Anexo 21, p.237).

Quarta-feira não tive saídas, pelo que trabalhei para o *Jornal de Economia*. Quando terminei, resolvi fazer algo que me pareceu importante e em que tinha pouca experiência : trabalhar a voz. Aproveitei então o tempo que me restou nesse dia para sonorizar várias peças para treino, ouvir, treinar mais e mais, identificar os erros e mostrar a outros jornalistas para que me dessem também algumas dicas.

Na quinta-feira fui até à Presidência de Conselho de Ministros, com meios de direto, para a reunião de Poiares Maduro e da Confederação de Agricultores de Portugal e no dia seguinte trabalhei no *Jornal de Economia*.

Dia 24 fiz uma peça sobre a queda das bolsas a nível mundial <sup>11</sup> e um *off* para o *Jornal da Noite*.

Terça-feira fui entrevistar produtores de tomate, um dos setores mais afetados com o possível corte de fundos europeus, e fiz peça para o *Jornal da Noite*. <sup>12</sup> Esta peça

---

<sup>11</sup> Por não ter sido emitida, uma vez que por questões de tempo e pertinência caiu do alinhamento na hora do *Jornal da Noite*, a peça não foi arquivada e como tal não consta dos anexos deste trabalho.

<sup>12</sup> Situação idêntica à referida na anterior nota de rodapé.

foi alinhada também no *Primeiro Jornal* do dia seguinte e em cima da hora, já no decorrer do jornal tive que refazê-la uma vez que chegaram novas informações. À noite, voltei fazer sobre a discussão acerca da Agricultura em Bruxelas (v. Anexo 22, p. 239).

Dia 27 fiz um *off* e tirei um *th* do Arménio Carlos que estávamos a receber em direto no sistema para o *Primeiro Jornal*. À tarde produzi uma reportagem para o dia seguinte, que acabou por seguir para a delegação do Porto porque o entrevistado se encontrava lá.

Sexta tive uma saída anulada por falta de repórter de imagem e a peça do Porto, sobre guias eletrónicas, voltou para mim para ser refeita porque a jornalista do Porto não incluía uns ‘vivos’. Aproveitei para lhe fazer mais algumas alterações, porque entretanto nos chegaram novas informações e ‘pintá-la’ com imagens frescas (v. Anexo 23, p.241).

Dia 1 de Julho começou a minha última semana. Foi uma segunda-feira atribulada com a demissão do ministro das Finanças Vítor Gaspar. Nesse dia também entrei mais cedo, com um serviço às 10h. Fiz reportagem sobre uma empresa portuguesa que estava com um processo de recrutamento para 60 postos de trabalho. Devido à agenda noticiosa do dia a peça não passou no *Jornal da Noite* como estava previsto, mas passou no *Primeiro Jornal* do dia seguinte (v. Anexo 24, p. 243).

Na terça-feira voltei a ter um serviço de manhã, com a apresentação da *Enternext*, um projeto dedicado à entrada de Pequenas e Médias Empresas no mercado de capitais. Novamente, a agenda ficou abalada, desta feita pela demissão de Paulo Portas, então ministro dos Negócios Estrangeiros e paceiro de coligação no Governo. Como tal fiz apenas um *off* para o *Jornal de Economia*, no qual viria a trabalhar também no dia seguinte.

Quinta-feira trabalhei novamente para o *Jornal de Economia*, tendo saído apenas ao final do dia para a entrega de prémios Deloitte, onde estavam presentes inúmeras personalidades do setor da economia.

Para terminar o meu estágio, sexta-feira dia 5 de Julho, fui até à Universidade Católica onde estavam reunidos 500 economistas de todo o mundo, para saber como viam eles Portugal, com a crise financeira e política que atravessava. Fiz peça para o *Jornal da Noite*<sup>13</sup> e ainda dei uma ajuda no *Jornal de Economia*.

---

<sup>13</sup> Por não ter sido emitida, uma vez que por questões de tempo e pertinência caiu do alinhamento na hora do *Jornal da Noite*, a peça não foi arquivada e como tal não consta dos anexos deste trabalho.

Foram seis meses intensos, de aprendizagem e que passaram ‘a voar’. Daí resultaram 34 peças, 49 *th's*, 105 *off's*, 1 ligação em direto ao telefone, mais algum material integrado em peças de outros jornalistas e algumas saídas que não resultaram em nada.

Ficou a sensação de dever cumprido e a certeza de o jornalismo televisivo ser mesmo o sonho e a profissão que pretendo ter.

## Conclusões

Através da análise da tabela construída para o efeito e da observação durante o estágio parece-me seguro concluir que de facto o *infotainment* está cada vez mais imerso na Informação. Ainda assim, não de uma forma total, uma vez que a percentagem de reportagens sem qualquer característica associada ao género é de 27% - mais de um quarto do total das reportagens analisadas.

Mesmo a percentagem mais elevada, próxima da anterior, é de 29% e diz respeito às reportagens nas quais é possível encontrar duas características. Não deixa de ser revelador, afinal são quase 75% das reportagens emitidas nos meses do estudo a conter alguma das características identificadas. Três quartos, a esmagadora maioria.

Esmiúçando a tabela é fácil concluir que a “informação-entretenimento” existe e está lá, por muito que quem a desempenha, profissionalmente, o tente negar.

Mais ainda, através da experiência em redação, onde muitas vezes me questionava “mas porque vamos fazer uma reportagem sobre X?”. Pareceu-me que muitas vezes a resposta era “porque o público gosta”, voltando assim à conclusão: as audiências importam e têm um grande peso na tomada de decisões. Não quero com isto dizer que a informação não tenha qualidade. Aliás, não me pareceu de forma alguma que fosse dada prioridade ao sensacionalismo em detrimento de outros valores noticiosos. No entanto, os dados obtidos nesta análise apontam para caminhos que, no futuro, poderão desviar-se do essencial. A prudência, o rigor, o profissionalismo, exigem-se cada vez mais.

Conclui-se que o *infotainment* se encontra presente, ainda que não de forma totalmente dominante, nas médias e grandes reportagens da SIC. Mais nas médias do que nas grandes, inseridas na rubrica *Grande Reportagem*, uma vez que estas são as que apresentam menos ou chegam mesmo a não apresentar qualquer característica patente na descrição de *infotainment*.

## **Bibliografia**

AMARO, Vanessa. S.d. Vivendo na pele do outro - A observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil, Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaro-vanessa-pele-outro.html>, Consultado em Janeiro de 2013

BAUER, Martin W. e George Gaskell (2000) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som : um manual prático, Petrópolis, Vozes

BLUMLER, Jay G. (1992) Television e interes publico, Barcelona, Bosch

BOGART, Leo (1995) Commercial Culture: the media system and the public interest, Nova Iorque, Oxford University Press

BORDIEU, Pierre.(2005) Sobre a televisão, Oeiras, Celta

BRANDÃO, Nuno Goulart (2002) O espetáculo das notícias: a televisão generalista e a abertura dos telejornais, Lisboa, Editorial Notícias

BRANDÃO, Nuno Goulart (2006) Prime Time: do que falam as notícias dos telejornais, Cruz Quebrada, Casa das Letras

BRANTS, Lee et all (1998) The media in question: popular cultures and public interests, Londres, Sage

CROTEAU, David e William Hoynes (2001) The Business of Media – Corporate Media and the Public Interest, Thousand Oaks, Pine Forge Press

DAHLGREN, Peter (1995) Television and the Public Sphere: Citizenship, Democracy and the Media, Londres, Sage

FERREIRA, B. Análise de Conteúdo. Disponível em <http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm> em 18/01/03 *apud* VASCONCELLOS, Patrícia(s.d) , Análise de Conteúdo: a proposta de Laurence Bardin, Disponível em <http://www.caleidoscopio.psc.br/ideias/bardin.html> , Consultado em Maio de 2013

GIDDENS, Anthony (2007) Sociologia., s.l., Fundação Calouste Gulbenkian

GODINHO, Jacinto (2011) As Origens da Reportagem – Televisão, Lisboa, Livros Horizonte

GOMES, Adelino (2012) Nos bastidores dos telejornais RTP1, SIC e TVI, Lisboa, Edições Tinta da China

LLOSA, Mario Vargas (2012) *A Civilização do Espetáculo*, Lisboa, Quetzal Editores

MERRIT, Davis (1995) *Public journalism and public life: why telling the news is not enough*, Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates

MOUZINHO DE SENA, Nilza (2011) *A televisão por dentro e por fora*, Coimbra, MinervaCoimbra

PASTORIZA, Francisco Rodríguez (2003) *La mirada en el cristal : la información en televisión*, Madrid, Fragua

PICARD, Robert (2010) *Value Creation and the Future of News Organizations: Why and How Journalism Must Change to Remain Relevant in the Twenty-First Century*, Lisboa, Media XXI

SANTIAGO, Daniela (2006) *O Reconforto da Televisão. Uma visão diferente sobre a tragédia de Entre-os-Rios*, Coimbra, MinervaCoimbra

THUSSU, Daya (2007) *News as entertainment: the rise of global infotainment*, Londres, Sage

TORRES, Eduardo Cintra (2011) *A Televisão e o Serviço Público*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos

TUCHMAN, Gaye (1978) *Making News. A study in the construction of reality*, Nova Iorque, Free Press

VIZEU, Alfredo (2002) *Telejornalismo, audiência e ética* Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf> consultado em Novembro de 2012